

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO**

MARIANA PEREIRA DOS SANTOS

RESISTÊNCIA E POTÊNCIA:

Práticas de fortalecimento para o Afroturismo

**SÃO PAULO
2022**

MARIANA PEREIRA DOS SANTOS

RESISTÊNCIA E POTÊNCIA:

Práticas de fortalecimento para o Afroturismo

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Relações
Públicas, Propaganda e Turismo da Escola
de Comunicações e Artes da Universidade
de São Paulo como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá
Teles

SÃO PAULO

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Santos, Mariana Pereira dos
RESISTÊNCIA E POTÊNCIA: Práticas de fortalecimento
para o Afroturismo / Mariana Pereira dos Santos;
orientador, Reinaldo Miranda de Sá Teles. - São Paulo,
2022.
70 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo /
Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São
Paulo.
Bibliografia

1. Afroturismo. 2. Boas práticas para o poder público.
3. Planejamento turístico. 4. Cultura afro. I. Teles,
Reinaldo Miranda de Sá. II. Título.

CDD 21.ed. - 910

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

MARIANA PEREIRA DOS SANTOS

RESISTÊNCIA E POTÊNCIA:

Práticas de fortalecimento para o Afroturismo

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles
Presidente da Banca Universidade de São Paulo
(ECA-USP)

Profa. Dra. Natália Araújo de Oliveira (UFPel)

Me. Denise dos Santos Rodrigues

*Pelos corpos negros que vieram antes de
mim e pelos que ainda virão*

AGRADECIMENTOS

É uma honra poder chegar neste momento, agradecer à minha família e dizer “Mãe, The... deu certo!”. Por isso, agradeço a eles. Sirleia Pereira, obrigada por ter se esforçado tanto para garantir que eu tivesse o necessário para estar onde estou. Matheus Pereira, obrigada por me apoiar, inspirar e me incentivar diariamente, você é o meu alicerce - vai ser sempre “nóis por nós”. Sendo uma conquista minha, sei que também é uma conquista deles.

Agradeço à Amanda Ribeiro, que sempre acreditou que eu podia chegar em qualquer lugar que eu quisesse. Sou eternamente grata pelo companheirismo e por me permitir estar em um local seguro e acolhedor frente a esse mundo tão caótico.

Aos meus colegas de turma, em especial as minhas amigas que vivenciaram comigo e me apoiaram durante todas as dores e as delícias da graduação e, que levarei para a vida toda, Katia Anjos, Carolina Figueiredo, Isabelli Pereira, Caroline Vasconcelos, Thaila Padilha e Shirley Sousa. Também agradeço à Caroline Campos e a Martina Lemos por cada conversa que se tornaram afagos ao longo de todo o processo do TCC. Acreditem, nós estamos conseguindo, falta pouco.

Às minhas comadres que ganhei de presente em um sábado azul, Jéssica Miho Sakaguchi e Ana Rosa Proença, por me proporcionarem um espaço onde eu possa desaguar para ser capaz de recarregar as energias. Agradeço pelo acolhimento, apoio, incentivo, inspiração e pelas trocas diárias.

À ECA Jr. por me oportunizar tantos aprendizados, experiências incríveis e juniores que se tornaram minha segunda família. Em especial a Ana Carolina Carmona, Nayton Souza, Frederico Bateli, Gustavo Lucena, Matheus Souza, Mariana Gorgueira, Karin Yuri e Júlia Nagle.

Ao Geraldo Santos pelo incentivo para que eu pudesse sempre me dedicar aos estudos.

A O Berço e à Isla Santos por me presentearem com um ambiente cheio de sonhos, vontade de mudar o mundo, mulheres incríveis, aprendizados, respeito, escutas, companheirismo e trocas sobre temas que hoje me são tão caros, como aqueles que dizem respeito à cor da minha pele.

Ao Enegrecer por me abraçar enquanto estava em um processo de identificação racial e por me apresentar um caminho de conhecimento e empoderamento dentro da cultura negra.

À Victoria Pereira por estar sempre presente e por ter se tornado uma irmã.

À professora Simone Carvalho que, além das trocas, me ensinou sobre Relações Públicas, Ética e sobre o processo do TCC.

À professora Karina Solha por me possibilitar tantas oportunidades ímpares e por ter sido uma conselheira de vida. A ela também agradeço por fazer parte do CETES (Centro de Estudos de Turismo e Desenvolvimento Social) e, principalmente, da Iniciativa Sábados Azuis. Que foram propulsoras para o meu crescimento profissional e acadêmico.

À Luciana Sagi, por ser minha mentora profissional e também minha amiga. Agradeço por todas as oportunidades, escutas, experiências, por me orientar e me conduzir em um caminho que eu sonhava estar.

Aos empreendedores e às pesquisadoras do tema que já fizeram e ainda fazem tanto pelo Afroturismo. Em especial a Solange Barbosa, Denise Rodrigues, Natália Oliveira, Thainá Santos, Vanderleia Ricardo, Guilherme Dias e Beatriz Souza. Eu sou porque nós somos!

Agradeço ao universo e a todos os profissionais da saúde por terem me permitido sobreviver a covid-19, e que, apesar do desgoverno, salvaram a vida de milhares de pessoas.

Aos 51% de brasileiros que em 2022 esperançam um país melhor e que batalham diariamente contra desigualdades e para o fortalecimento das minorias sociais.

À todas e a todos aqueles que lutam incessantemente contra o racismo e para fortalecer a cultura negra.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao meu querido professor e orientador Reinaldo Teles, que apesar de tanta coisa difícil no meio do caminho, hospedou todas as minhas loucuras, me permitiu abrir todas as minhas gavetas, me ouviu e nunca deixou de acreditar em mim e no meu TCC. Agradeço por ser uma referência para mim enquanto acadêmico e homem negro que ocupa seu espaço diariamente em um ambiente ainda branco, como é a academia.

*“EM RAZÃO DISTO É IR À LUTA E
GARANTIR OS NOSSOS ESPAÇOS
QUE, EVIDENTEMENTE, NUNCA NOS
FORAM CONCEDIDOS”.*

Lélia Gonzalez

RESUMO

Inerente ao Turismo, o Afroturismo é um segmento recente que, apesar de estar crescendo, ainda carece de estudos que discutam o tema e materiais que compilem boas práticas a serem seguidas. Assim, a presente pesquisa tem por objetivo identificar iniciativas brasileiras que possam ser compiladas em um painel com práticas recomendadas para o desenvolvimento do Afroturismo pelo poder público. Para a realização do trabalho, foi utilizada a pesquisa qualitativa de caráter descritivo e exploratório. Os procedimentos de coleta de dados foram por meio de pesquisa bibliográfica e documental, aportada na análise qualitativa em que são triangulados os dados da pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, com entrevista. Foram entrevistados cinco atores-chave que atuam no tema, por meio de entrevista semiestruturada feita de maneira online, com o intuito de fundamentar o objetivo do trabalho. O segmento se fortalece à medida em que cresce o movimento de resgate e empoderamento de uma imensa população de negros que mostra que consome viagens e passeios como qualquer outro turista. É possível perceber que, cada vez mais, turistas negros e não negros tendem a buscar, sobretudo depois da pandemia de covid-19, por lugares com menor fluxo turístico e com a possibilidade de maior integração a cultura local. O estudo se divide em três grandes partes, são elas: referencial teórico, análise de casos brasileiros - com foco em Salvador/BA - e compilação de práticas estabelecidas sobre o tema em um painel. Ele contempla as seguintes temáticas: (i) Capacitação para atores envolvidos com o turismo, (ii) Linhas de financiamento/crédito para as iniciativas privadas que trabalham com o segmento, (iii) Ações de fortalecimento do Afroturismo dentro do diagnóstico e desenho de estratégias do planejamento turístico, (iv) Estratégias de promoção e divulgação do segmento e (v) Elaboração de um material de orientação sobre o segmento.

Palavras-chave: Turismo. Afroturismo. Boas práticas. Poder público. Salvador/BA.

ABSTRACT

Inherent to Tourism, Afrotourism is a recent segment that, despite being growing, still lacks studies that discuss the topic and materials that compile good practices to be followed. Thus, the present research aims to identify Brazilian initiatives that can be compiled into a panel with best practices for the development of Afrotourism by the government. To carry out the work, qualitative research of a descriptive and exploratory nature was used. The data collection procedures were through bibliographical and documental research, supported by the qualitative analysis in which the bibliographical research data, documental research, with interview are triangulated. Five key actors who work on the theme were interviewed, through a semi-structured interview carried out online, in order to substantiate the objective of the study. The growth of the movement to rescue and empower a huge population of black people strengthens the segment and shows that they travel like any other tourist. It is possible to see that, more and more, black and non-black tourists tend to seek, especially after the covid-19 pandemic, for places with less tourist flow and with the possibility of greater integration into the local culture. The study is divided into three major parts, namely: theoretical framework, analysis of Brazilian cases - with a focus on Salvador - and compilation of established practices on the subject in a panel. It includes the following themes: (i) Training for actors involved with tourism, (ii) Lines of financing/credit for private initiatives that work with the segment, (iii) Actions to strengthen Afrotourism within the diagnosis and design of tourism planning strategies, (iv) Strategies for promotion and dissemination of the segment and (v) Elaboration of a guidance material on the segment.

Keywords: Tourism. Afrotourism. Segment. Public Administration. Salvador/BA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Casos de quem já atua em Afroturismo	27
Figura 2 - Alguns dos principais trechos do Estatuto da Igualdade Racial	32
Figura 3 - Mapa das regiões turísticas de Alagoas	38
Figura 4- Postagens sobre o Dia da Consciência Negra	39
Figura 5 - Cartilha turismo Étnico Afro na Bahia	43
Figura 6 - Manifestações culturais que compõem roteiros turísticos	49
Figura 7 - Material de divulgação da festa de Manuelzão	51
Figura 8 - Parador Playa Blanca, Barú	53
Figura 9 - Cabana Princesa Del Mal, Barú	53
Figura 10 - Ações recomendadas para o Afroturismo	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Semear para florescer: Painel de práticas recomendadas acerca do Afroturismo	57
Quadro 2 - Painel de práticas não recomendadas acerca do Afroturismo	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABAV- Associação Brasileira de Agência de Viagens

BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento

CETES - Centro de Estudos de Turismo e Desenvolvimento Social

EMBRATUR - Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo

EUA - Estados Unidos da América

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MTur - Ministério do Turismo

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SECULT - Secretaria Municipal de Cultura e Turismo

SEMUR- Secretaria de Reparação

TBC - Turismo de Base Comunitária

WTM - World Travel Market

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
1. RESGATAR E CONECTAR: VISÃO GERAL SOBRE O AFROTURISMO	20
1.1. O que é Afroturismo?: conceituação e contextualização	20
1.2 Afrocentrar a vida: Conexões entre a cultura afro e o Afroturismo	27
1.3. Segmentação do turismo: a visão do poder público sobre a cultura afro e o Afroturismo	30
2. SER E PERTENCER: O PRESENTE DO AFROTURISMO	35
2.1 Práticas de fomento ao Afroturismo no âmbito mundial	35
2.2 Exemplos de experiências em Afroturismo no Brasil	37
2.3 Experiência do município de Salvador (BA) com o Afroturismo	41
3. BOAS PRÁTICAS VERSUS RESISTÊNCIA: SE NÃO HOUVESSE UM DEFEITO DE COR	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63



INTRODUÇÃO

O Afroturismo sempre foi um tema recorrente nos meus trabalhos acadêmicos, é a minha essência, um dos fios condutores da minha formação profissional. O interesse sobre o tema advém das discussões feitas durante a realização da disciplina “Dimensão Espacial do Turismo II”, ministrada pelo Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles e de conversas com as pesquisadoras Vanderleia Ricardo e Denise Rodrigues, logo no início da graduação.

O tema diz muito sobre mim, meu empoderamento como mulher negra e a valorização da cultura afro que faz parte da minha história. Falar sobre Afroturismo é falar sobre meu presente, meu passado, sobre meus ancestrais negros, mas também é falar sobre as próximas negras e negros que estão por vir e que ocuparão cada vez mais espaço, com muitos deles já concedidos devido a uma luta racial diária.

Dentre tantas, ressalto uma experiência que me fez ter certeza de que queria continuar pesquisando sobre o tema. Tive o prazer de conhecer Salvador/BA no carnaval de 2022, e eu sabia que era meu lugar favorito no mundo antes mesmo de ir. As cores, a cultura, a história, os orixás, as raízes, as baianas, o branco, o axé! Lá eu tive a oportunidade de fazer o tour “Salvador Negra” com o Guia Negro. Conheci pessoalmente o Guilherme, do Guia Negro, e a Beatriz, da Brafrika. Ambos criadores de duas das principais empresas especializadas em experiências de Afroturismo.

O interesse em focar no setor público surgiu da experiência profissional com a consultoria turística. Para mim, é crucial que o poder público esteja atento e se preocupe com o fomento do segmento, além de planejar, executar e monitorar ações práticas voltadas para o fortalecimento do Afroturismo.

Conforme ressalta Rodrigues (2021, p. 19), o racismo e as relações raciais fazem parte de discussões dos movimentos negros que “reivindicam a urgência de ampliar as discussões que enfatizam os sujeitos negros como protagonistas da história nacional”. De acordo com a autora, as pautas negras tiveram destaque em 2020, após o movimento “Vidas Negras Importam” ter ganhado força nos Estados Unidos e se espalhado por todo o mundo. Este movimento é decorrente do assassinato do afro-americano George Floyd, por um agente de polícia. A repercussão do movimento nas mídias abriu um espaço para que a



população refletisse sobre o tema e ativistas negros evidenciassem “as discussões sobre heróis retratados nos monumentos das cidades e os processos de ocultamento da presença negra na patrimonialização da cidade” (RODRIGUES, 2021, P.19).

O Afroturismo busca rever lógicas e ordens nas quais o turismo se moldou e que tem o homem branco europeu como o balizador do mundo. Autores abordados ao longo do trabalho, como Dias (2021), Rodrigues (2021) e Santos (2018) classificam o Afroturismo como um termo derivado do turismo diaspórico e turismo de raízes, tendo como seu principal diferencial a teoria da afrocentricidade. No Afroturismo, as narrativas contadas não estão descritas nos livros de história, em que o branco é o herói que salvou os negros. De acordo com Oliveira (2021a), eles partem de outro viés, o afrocentrado.

O viés afrocentrado, diferentemente do eurocentrismo, visa privilegiar a cultura africana como ponto central da história. Além de ser base dos processos de produção de conhecimentos e valorização da ancestralidade para as pessoas africanas e descendentes da diáspora.

De acordo com Rodrigues (2021, p. 97), a atividade do Afroturismo é entendida como práticas “de resgate, valorização, preservação, reconexão com a identidade e história por meio dos bens culturais, materiais e imateriais, as quais têm os sujeitos negros como protagonistas”.

O Afroturismo se fortalece à medida que cresce o movimento de resgate e empoderamento de toda uma imensa população de negros e negras que já mostra que consome viagens e passeios como qualquer outro turista. De acordo com Lima e Silva (2020), é possível perceber que, cada vez mais, turistas negros e não negros tendem a buscar - depois da pandemia - lugares com menor fluxo turístico e a explorarem mais a cultura local.

Apesar de existir uma necessidade de contar uma história antes invisibilizada, as iniciativas ainda são recentes no mercado e as discussões sobre o tema ainda são muito incipientes. O segmento carece de pesquisas que proponham orientações básicas sobre o tema para que os atores-chave continuem com o desenvolvimento do Afroturismo no país e no mundo.



Diante deste contexto, tem-se como problema de pesquisa: Quais são as práticas e recomendações de Afroturismo que podem ser compiladas em orientações básicas para o poder público?

Assim, para responder tal pergunta, temos como objetivo geral: Identificar iniciativas brasileiras de Afroturismo, com foco na cidade de Salvador, que podem ser compiladas em orientações básicas da atividade para o poder público. E como objetivos específicos:

(1) Entender o segmento de Afroturismo, bem como seus aspectos históricos, características e conceituação;

(2) Identificar práticas desenvolvidas pelo poder público na cidade de Salvador voltadas para o Afroturismo e;

(3) Sintetizar boas práticas em Afroturismo em um painel voltado para o poder público.

Tal pesquisa se dá pela carência de estudos que tratem sobre Afroturismo no geral, especialmente de uma pesquisa que aborda orientações básicas sobre o segmento para o setor público a fim de contribuir com o desenvolvimento do Afroturismo no Brasil e no mundo.

Para o campo da academia, compilar as informações existentes sobre o tema irá colaborar para o avanço das discussões sobre o assunto. Para a sociedade, a pesquisa servirá de base para que o setor público possa articular o tema na elaboração de iniciativas, planejamento turístico e promoção de destinos.

Entendo que qualquer pesquisa agregadora para o segmento sirva como ferramenta enriquecedora para que as iniciativas sejam reconhecidas e potencializadas e a cultura da comunidade local seja valorizada.

Como as pesquisas são ainda tentativas de introduzir o tema e afunilar as discussões, o presente trabalho propõe um material compilando informações existentes, mas dispersas, em pesquisas e estudos de caso no Brasil e no mundo.

Contatando agentes do segmento, foi sinalizada a necessidade de ter um material introdutório que explique de forma dinâmica o tema, propondo orientações básicas e recomendações. Não obstante, dada a complexidade inerente, o presente trabalho apresenta um compilado de boas práticas em um painel voltado para o poder público sobre Afroturismo, como insumo para construção de tal material.



Portanto, entende-se que, disseminando o conceito, características e práticas recomendadas para o desenvolvimento do Afroturismo, cada vez mais as histórias antes invisibilizadas serão reconhecidas e potencializadas na atividade turística.

Sendo assim, o trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo “Resgatar e conectar: visão geral sobre o Afroturismo” abre caminhos para apresentar uma breve conceituação e contextualização do tema, além de conexões entre a cultura afro e o Afroturismo, bem como, a visão do poder público sobre o segmento.

O segundo capítulo “Ser e pertencer: o presente do Afroturismo” percorre por práticas de fomento ao Afroturismo no âmbito mundial em experiências brasileiras em relação ao tema, com foco na cidade de Salvador e na atuação do poder público na cidade soteropolitana.

O terceiro capítulo “Boas práticas *versus* resistência: se não houvesse um defeito de cor¹” é a tentativa de sintetizar as práticas vistas ao longo do trabalho e compilar em um painel, práticas recomendadas e práticas não recomendadas para o setor público em relação ao Afroturismo.

Para te acompanhar nessa viagem, sugiro uma [playlist](#) feita por mim, com o intuito de tornar a leitura mais leve, acompanhada da força desses versos. Até porque, a música é uma forma de resistir por meio da arte.



¹ Referência ao livro “Um Defeito de Cor”, de Ana Maria Gonçalves.

Salvador Tours



Fonte: Guia Negro, 2021



PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa foi realizada a partir de métodos qualitativos, e pesquisa aplicada com caráter descritivo e exploratório (DENCKER, 2000).

Para entender o segmento de Afroturismo, bem como seus aspectos históricos, características e conceituação, partimos da construção do estado da arte e foram realizadas pesquisas em base de dados Periódicos CAPES, Google Acadêmico e Scielo. As palavras-chave utilizadas foram: Afroturismo, turismo étnico, turismo, territórios negros e turismo étnico-afro. A triagem inicial deu-se por análise dos títulos, palavras-chave e resumo.

Os procedimentos de coleta de dados foram por meio de pesquisa bibliográfica e documental, aportada nas técnicas de análise qualitativa com entrevista² semiestruturada remota, nos meses de Junho e Julho de 2021, com 5 atores-chave que se relacionam, de alguma forma, com o tema que fundamentaram o objetivo da pesquisa.

Ao longo das entrevistas, os atores apontaram dois grandes focos necessários para desenvolvimento do segmento: a geração de dados sobre o Afroturismo e a elaboração de um material que oriente o trade turístico sobre o tema. Os entrevistados foram:

- Solange Barbosa - Rota da Liberdade;
- Guilherme Dias - Guia Negro;
- Lucas Vieira - Bocaina Experience;
- Denise Rodrigues - pesquisadora e guia de turismo em São Paulo;
- Vanderleia Ricardo - pesquisadora e Fundadora da Feira Ilé-Ifè "Somos negros o ano Inteiro".

Para mapear algumas práticas de iniciativas de Afroturismo de destaque, buscou-se nas plataformas *Booking*, *Google* e *TripAdvisor*, destinos que possuem iniciativas voltadas para o Afroturismo. Depois de identificados os destinos, buscou-se, nos sites institucionais e nas plataformas de *Instagram* e *Facebook*, informações sobre as iniciativas que pudessem ser destacadas. Para alicerçar este trabalho, utilizou-se também da pesquisa documental

² As entrevistas não foram apresentadas no trabalho pois serviram como ferramenta para entendimento do tema e das necessidades de pesquisas a serem reproduzidas e, não estavam diretamente relacionadas com o assunto específico deste trabalho.



com a identificação de materiais voltados para o Afroturismo e que ainda não haviam recebido nenhum tipo de tratamento, como foi o caso da cartilha de Salvador.



Festival Salvador Capital Afro



Fonte: Matheus Leite, 2022



1. RESGATAR E CONECTAR: VISÃO GERAL SOBRE O AFROTURISMO

Escrever sobre Afroturismo é apresentar a vivência da população negra na sua plenitude, incluindo o acesso a destinos turísticos. Neste capítulo, busca-se conceituar o que é o Afroturismo, mostrando sua relevância cultural e econômica; abordar os moduladores e viabilizadores do fortalecimento do segmento, por assim dizer; além de mencionar a atuação do poder público e da iniciativa privada em relação ao tema.

1.1. O que é Afroturismo?: conceituação e contextualização

O termo Afroturismo parte do princípio do afrocentrismo, teoria sistematizada por Asante, em 1980, a partir da contribuição de diversos movimentos mundiais políticos, artísticos, culturais e intelectuais de povos de origem africana. O afrocentrismo, como uma teoria diretamente relacionada às lutas negras nas décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos e em outras partes do mundo, foi abordada em meio aos primeiros programas de pesquisa e pós-graduação em estudos africanos nascidos das lutas de estudantes negros no século 20. Segundo Asante (apud MAZAMA, 2009, p. 118), trata-se dos [...] quatro grandes blocos que formam a estrutura fundamental da afrocentricidade: a filosofia de Marcus Garvey, o movimento da Negritude, o Kawaida e a historiografia de Diop". Em consonância com Asante, nota-se a interlocução na concepção de afrocentricidade publicada em 1980 pela militante negra e pesquisadora Lélia Gonzales e de Abdias do Nascimento (ASANTE, 2014).

A teoria da afrocentricidade privilegia, em contraponto ao eurocentrismo, o pensamento e todo sistema cultural africano como centralidade histórica e base dos processos de produção de conhecimentos e valorização da ancestralidade para as pessoas africanas do continente e da diáspora (REIS, SILVA e ALMEIDA, 2020).

Todavia, para Asante (2014), essa conscientização afrocêntrica não se dá de forma automática, mas gradual, em cinco níveis: a) reconhecimento da pele, ou seja, quando o indivíduo reconhece "sua cor"; b) está relacionada ao fato de a pessoa perceber como o meio social define sua negritude por meio de discriminação; c) é a consciência da



personalidade, o que não quer dizer ainda, que o sujeito já esteja afrocentrado; d) o interesse pelas questões étnico-raciais; e) Consciência Afrocêntrica, é como o autor se refere quando o indivíduo já atingiu um nível de comprometimento total com a libertação de sua própria mente.

Dito isso, Reis, Silva e Almeida (2020) elucidam uma reflexão que leva à seguinte questão: “quem nós seríamos como africanas e africanos sem a interferência do racismo?”

Em sua pesquisa, Rodrigues (2021) apresenta como Adichie (2019) expõe os “perigos de uma história única” de se reproduzir estereótipos, minimizar narrativas, e como devemos mudar a perspectiva para que vejam quais histórias foram ocultadas nesses processos. Em sua dissertação, a autora mostra como há lugares, pessoas e comunidades resistentes, apesar do esforço de invisibilização da história do povo negro. A resistência pode vir de diversas formas, e definitivamente o Turismo é uma delas. De acordo com a autora:

O Turismo, como área interdisciplinar das ciências sociais aplicadas, também deve subsidiar discussões acerca das temáticas que abrangem o setor ou sobre ele recaem, pois os processos que envolvem a atividade estão intrinsecamente relacionados às demandas sociais, históricas, culturais e econômicas (RODRIGUES, 2021, p. 20).

Com o objetivo de valorizar as culturas tradicionais, o Ministério do Turismo (MTur) reconheceu o Turismo Étnico, que “constitui-se de atividades turísticas envolvendo a vivência de experiências autênticas e o contato direto com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos” (BRASIL, 2010, p. 20). Essa definição se relaciona com o objetivo de zelar pelos legados, saberes e culturas dos grupos étnicos, sejam eles comunidades indígenas, quilombolas, imigrantes etc. Tangenciando o turismo para o reconhecimento da cultura negra, foi criado o termo “turismo étnico-afro” (RODRIGUES, 2021).

O turismo étnico é uma vertente do turismo cultural e valoriza o patrimônio material e imaterial de um determinado grupo étnico. No caso do turismo étnico-afro o foco é a população negra e sua identidade, por isso, é também chamado de Afroturismo. Apesar de seu objetivo ser conhecer, viver e reviver mais da cultura e história negra, o Afroturismo é para todos e pode ser praticado por qualquer pessoa.

No mundo todo, a discussão sobre a valorização da cultura afro tem sido recente, e no turismo não foi diferente. Os termos ‘turismo afro’, ‘turismo afrocentrado’ ou ‘Afroturismo’



foram popularizados recentemente. São bastante utilizados em conteúdos midiáticos e em eventos, mas ainda pouco abordados dentro da academia. Recentemente, Rodrigues (2021) conceitua o Afroturismo como uma atividade:

Entendida como práticas de resgate, valorização, preservação, reconexão com a identidade e história por meio dos bens culturais, materiais e imateriais, as quais têm os sujeitos negros como protagonistas. Ao desvelar as contribuições e perspectivas negras na sociedade por meio do turismo, o segmento pode auxiliar na luta antirracista (RODRIGUES, 2021, p. 97).

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) fez uma abordagem sobre Afroturismo que se encaixa dentro do turismo cultural, ligada à questão negra. Este que também está relacionado ao turismo étnico, definido pelo MTur, no qual “evoca a aproximação cultural com determinados grupos por meio de experiências, mas ambas definições trazem algumas limitações” (RODRIGUES, 2021, p. 97).

O termo Afroturismo é utilizado pelo SEBRAE como tendência do setor, o qual tem por objetivo:

[...] criar experiências que envolvam as raízes e a cultura afrodescendente. A essência é conectar pessoas a histórias, culinária, costumes e questões sociais. É uma rica vertente de um turismo cultural, que contribui para a preservação e a perpetuação do patrimônio e da identidade da população negra. (SEBRAE, 2020, p. 1)

Em uma reportagem, Dias (2020) relata que “[...] o Afroturismo pretende levar as pessoas vivenciarem mais a cultura negra por meio da história, gastronomia, religião, museus, vivências, negócios, visitas a comunidades e quilombos, música”. O autor também conta que,

Esse turismo mais calcado na experiência, na história e em vivenciar uma cultura pouco divulgada pelo turismo mais comercial é uma tendência no mundo todo e terá ainda mais espaço no mundo pós-pandemia, que vai buscar fugir de monumentos turísticos abarrotados (DIAS, 2020).

Ainda é pontuado por Dias (2020) que o Afroturismo se fortalece à medida que cresce o movimento de resgate e empoderamento de toda uma imensa população de negros que já mostra que consome viagens e passeios como qualquer outro turista. É possível perceber



que, cada vez mais, turistas negros e não negros tendem a buscar - depois da pandemia - lugares com menor fluxo turístico e explorarem mais a cultura local.

Em diversas pesquisas, apesar da similaridade, o Afroturismo é considerado mais abrangente do que o turismo étnico-afro, conforme segue o trecho a seguir:

O movimento afroturístico pode ser assimilado além, considerando as experiências individuais e sociais dos viajantes afro-brasileiros, abarcando o movimento desses corpos em diálogo com turismo e as pautas em comum a partir da cor da sua pele e as reverberações sociais desse fato. [...] (SANTOS, 2018, p. 50).

Para Oliveira (2020, p. 307) a proposta do conceito é “subverter lógicas e ordens nas quais o turismo se moldou – eurocêntrico, que tem o homem branco europeu como o balizador do mundo”, a autora também classifica o Afroturismo como um termo derivado do turismo diaspórico e turismo de raízes, tendo como seu principal diferencial a teoria da afrocentricidade.

Em 2018, o termo Afroturismo passou a ser utilizado por diversos empreendedores brasileiros para qualificar suas atividades e comercializar roteiros afrocentrados, aumentando a oferta de roteiros em que as experiências turísticas giravam em torno da Cultura Afrodiáspórica brasileira de experiências em países do continente africano.

A partir de “Turismo Étnico com recorte Afro”, passou-se então a utilizar o termo “Afroturismo”, englobando não apenas experiências afrocentradas, mas também destacando a presença de profissionais negros à frente de agências e operadoras de viagens, construindo e conduzindo roteiros, protagonizando a atuação no Turismo.

O Afroturismo é interseccional e pode ser realizado em ambientes urbanos e rurais e com diferentes perspectivas sobre a história de África e a cultura afro-brasileira, podendo ter caráter pedagógico, artístico, cultural, científico, rural, comunitário e gastronômico. A prova disso são as diversas empresas e iniciativas, citadas a seguir, focadas no segmento e que estão espalhadas pelo Brasil e pelo mundo.

Um primeiro exemplo brasileiro a ser citado, com maior bagagem no segmento, foi o Programa Rota da Liberdade, criado em 2006 na cidade de Sorocaba. O programa consistiu em 8 roteiros em 18 cidades da Região Metropolitana do Vale do Paraíba. O lançamento foi fruto de uma parceria entre a Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo e a empresária



Solange Barbosa, e a partir desse momento, a Rota da Liberdade passou a fazer parte da lista de roteiros temáticos daquela secretaria.

No mesmo ano, o governo da Bahia lançou seu programa de Turismo Étnico com recorte afro. Também nesse contexto, um grupo de historiadores mineiros passou a realizar roteiros educativos com foco na Cultura Negra em cidades como Ouro Preto, Tiradentes e Mariana.

Olhando para a conjuntura dos fluxos turísticos internacionais, de acordo com Barbosa (2021), o ano de 2019 foi eleito por Gana como o “ano do retorno” por marcar os 400 anos da saída dos navios negreiros da costa oeste africana, justamente onde está localizado o país, que levou seus ancestrais para as Américas. O país africano foi inundado por viajantes americanos que receberam sua cidadania e participaram de cerimônias de reconexão ancestral, recebendo nomes africanos e aprendendo sobre a cultura de seus ancestrais, tudo após realizar testes de DNA em seu país natal.

Com foco no *Brazilian Black Travelers*, em 2020, a *South African Airways* viajou com influenciadores negros brasileiros ao país africano para promover o Afroturismo (BARBOSA, 2021).

No ano de 2020, a *MMGY Travel Intelligence* divulgou os primeiros resultados da primeira fase do relatório *The Black Traveler: Insights, Opportunities & Priorities* (O viajante negro: Compreensão, oportunidades & prioridades - tradução nossa), onde em uma análise de cerca de 5.000 viajantes negros revelou que eles representaram US\$ 109,4 bilhões em gastos com viagens em 2019, nos Estados Unidos da América (EUA). Foi identificado neste estudo o interesse desses viajantes em destinos com diversidade, receptividade aos viajantes negros e com experiências de conexão com as origens africanas desses viajantes.

Em 2020, o SEBRAE-MT publicou pesquisas sobre tendências para o Turismo brasileiro, incluindo tendências do Afroturismo. O Afroturismo também foi pautado por veículos de comunicação turística como Portal Panrotas³ e o blog Viajar Verde⁴. Além de ter

³ PANROTAS. O que é Afroturismo e qual sua importância. 2022. Disponível em: <https://www.panrotas.com.br/mercado/opiniao/2022/11/o-que-e-afroturismo-e-qual-sua-importancia_193225.html>

⁴ VIAJAR VERDE. Afroturismo: como descobrir o mundo por um novo olhar. 2020. Disponível em: <<https://viajarverde.com.br/afroturismo-como-descobrir-o-mundo-por-um-novo-olhar/>>



entrado em discussões em grandes eventos de turismo como Word Travel Market (WTM) Latin America e a Associação Brasileira de Agências de Viagens (ABAV), no qual foi apontada uma das grandes características do Afroturismo: a busca pela diversidade e também uma educação antirracista por meio do turismo.

Além disso, um fator que segue a mesma linha de abordagem de Dias (2020) é que há uma tendência na busca de destinos que estejam de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) e que visam a diversidade. Outro fator que reforça a crescente deste mercado é o aumento das buscas pela cultura afro depois da onda de protestos contra atos racistas que vieram à tona em 2020, principalmente com a força do movimento “*Black lives matter*”.

Oliveira (2020) mostra resultados do mercado do Afroturismo que ainda não haviam sido encontrados ou mesmo discutidos. A autora entrevistou empreendedores que disseram que, apesar do aumento de interesse em pautas raciais, o baixo número de buscas no Google pelo termo “Afroturismo”, por exemplo, impede maior divulgação e propagação das atividades. A plataforma de buscas não reconhece o termo e sugere a substituição por ‘agroturismo’.

O Afroturismo não está ligado somente ao reconhecimento e valorização da cultura afro, mas também à geração de renda por meio da atividade. Acerca disso está o *Black Money* (dinheiro preto - nossa tradução) que, de acordo com Silva (2019), já existe há muito tempo nos EUA e envolve uma cadeia em diferentes ramos de produção. Ele conta que o movimento surgiu como filosofia pregada por Marcus Garvey, jamaicano e ativista do movimento nacionalista negro, que considerava essa ação importante para “fazer com que as comunidades negras investissem nelas mesmas, gerando riqueza social e intelectual”. Em outras palavras, pode-se dizer que o *Black Money* compõe uma economia que visa maior autossuficiência do negro.

Sobre isso e focando em quem atua na prática com o Afroturismo e movimenta financeiramente o segmento, Oliveira (2021a) entrevistou diversos afroempreendedores. A ideia dos afroempreendedores é que o turismo seja um vetor de resgate da memória dos negros e, consequentemente, fortalecimento da identidade. Assim, estes espaços, quando formatados para o turismo, precisam se tornar conhecidos a fim de atrair visitantes. Contudo,



mais que transformar estes espaços em experiências atrativas para o visitante, é necessário dar a eles a profundidade que merecem ter. Eles contam uma história e muitos se reconhecem nela.

Seguindo a ótica do afroempreendedorismo no turismo, a pesquisa de Hintze e Júnior (2012) mostra, em termos gerais, que o negro, no turismo, é apontado sempre como trabalhador, e, embora empreendedores negros e afroempreendedores sejam trabalhadores, não são vistos na atividade, não são retratados nela. Neste sentido, o afroempreender em turismo serve para quebrar o paradigma de se enxergar o negro como mão de obra.

Nos EUA, empresas que fazem Afroturismo atendem 12% da população, mesmo percentual da população negra americana, e elas conseguem movimentar bilhões por ano. Para além, da diferença de poder econômico médio do americano e do brasileiro, percebe-se, por meio das informações dispostas, uma clara diferença de tamanha e maturidade do Afroturismo nos mercados americano e brasileiro, dado a desproporcionalidade existente entre a movimentação financeira com turismo pela população negra e a sua representatividade na população total. É sabido que está consolidado e com longevidade esse tipo de turismo nos EUA. Também é sabido que um caminho duro, tortuoso e de escassez de infraestrutura já foi percorrido, mas que ainda tem-se uma gama a ser conquistada no tocante a realidade brasileira.

Entre as iniciativas que trilharam o caminho tortuoso, estão a [Diaspora.Black](#), *market place* que vende experiências ligadas à cultura negra e hospedagens na casa de pessoas negras; [Brafrika Viagens](#), agência de turismo afrocentrada, que comercializa viagens para destinos como Ouro Preto, Salvador e Rio de Janeiro; [Guia Negro](#), que desenvolve experiências como a Caminhada São Paulo Negra em São Paulo (SP) e a Suburbana Tour, em Salvador (BA); [Sou + Carioca](#), com passeios no Rio; [Black Travellers](#), que recebe turistas negros em cidades como Rio e Salvador; [Rota da Liberdade](#), com passeios para quilombos do interior paulista.

Figura 1 - Casos de quem já atua em Afroturismo

AGÊNCIA	O QUE FAZ
Black Bird Viagem	organiza a São Paulo Negra, uma caminhada pelo centro da cidade paulista, contando a história dos lugares e os nomes ilustres da cultura afro.
Bernatur	focada em intercâmbio em países de cultura afro.
Go Diáspora	além de oferecer programas de intercâmbio, leva grupos para o Afropunk, um dos maiores festivais de afro music do mundo.
Diaspora Black	a Plataforma é 100% focada no afro turismo. O objetivo é juntar viajantes, anfitriões, parceiros e anunciantes que valorizem a cultura afro, não tenham preconceito e estejam abertos para formar uma rede.
Rede Afro Turismo	oferece uma nova modalidade de turismo étnico, voltado para o resgate da história, a valorização da cultura afro e o combate ao racismo. A Rede promove pertencimento, coletividade e identidade da população negra em diversas cidades do mundo.

Fonte: SEBRAE, 2020.

Assim, tem-se três grandes pilares que influenciam a consolidação do Afroturismo dentro da atividade turística como um todo, são eles: (i) a valorização e o acesso à cultura negra, (ii) a visão do poder público e (iii) a atuação do setor privado.

Para fins práticos deste trabalho, serão abordadas a valorização da cultura afro por meio do Afroturismo e a visão do poder público sobre o tema.

1.2 Afrocentrar a vida: Conexões entre a cultura afro e o Afroturismo

Os pontos destacados neste trabalho são apenas algumas das muitas questões que podem ser abordadas ao se discutir a questão racial e o turismo, que exigem uma postura crítica dos pesquisadores cientistas do turismo que passam a refletir sobre os discursos hegemônicos e dar voz às comunidades excluídas, premissa do turismo crítico (FAZITO, 2012).

O turismo crítico envolve teorias pós-estruturalistas de identidade, diferença, corpo, gênero, linguagem e subjetividade (FAZITO, 2012). Começa com uma perspectiva pós-colonial compartilhada por Said (2007) e outros que questionaram a formulação das culturas ocidentais, e especialmente europeias, ao ver o resto do mundo como exótico, diferente e desconhecido, impuseram sua visão, dominando e, de alguma forma, criando



outros lugares. Por meio do turismo crítico, é possível compreender o turismo pós-moderno, pautado pelas relações de poder e dominação decorrentes do desenvolvimento de discursos hegemônicos (FAZITO, 2015). E é dentro dessa discussão que o Afroturismo se encaixa.

Durante a década de 2000 a 2010, o turismo brasileiro passou por diversas mudanças econômicas, sociais e culturais. Como exemplos dessas mudanças, tem-se a criação do Plano Aquarela, desenvolvido em 2003 pela Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (EMBRATUR) com o intuito de melhorar a divulgação turística do Brasil no exterior e o Programa de Regionalização do Turismo (PRT), uma política pública de âmbito territorial, estratégica para a consecução da Política Nacional de Turismo. Uma das características do planejamento e das atividades turísticas do país tem sido a identificação de segmentos de mercado específicos e mais exclusivos, sejam eles potencialmente procurados ou ofertas quase prontas.

A partir de meados da década de 1980, após a democratização do país, houve uma significante crescente no interesse pelo estudo de gênero e minorias étnicas, sexuais e culturais, o que significou sociedades livres, com consciência ética e cívica, voltadas para todos os grupos populacionais. Por fim, nas duas últimas décadas do século XX, a cultura afro-brasileira apareceu mais unificada e organizada em todo o Brasil, tornando-se gradativamente um segmento nacional respeitado e reconhecido.

Tem sido cada vez mais reivindicado o reconhecimento das culturas africanas com papel preponderante na cultura brasileira, uma vez que não se pode pensar na construção do que é ser brasileiro sem lembrar de sua origem afro-ameríndia, além de haver compreensão da necessidade de pensar estruturadamente na melhor forma de abordarmos os destinos e roteiros turísticos afro-étnicos.

Em relação às produções acadêmicas e da postura crítica dos pesquisadores citada por Fazito (2012), Oliveira (2021b) fez uma pesquisa com o intuito de sistematizar o conhecimento científico sobre negros gerado em 7 periódicos nacionais relacionados a 11 programas de pós-graduação na área de fundamentos do turismo para discutir se os negros são diretrizes para a pesquisa em turismo no Brasil.

A autora concluiu que, dentre os artigos publicados que discutiam negros e turismo, as palavras-chave mais utilizadas foram quilombos (2), hostilidade (2) e estereótipos (1).



Portanto, uma maior incidência do termo quilombo é provisoriamente hipotetizada utilizando o fato de o turismo de base comunitária ser uma agenda importante para discussões sobre o turismo, como um todo. Ao se avaliar as demais palavras-chave, no entanto, a palavra "negro", que está no cerne da reflexão sobre o negro e o turismo, não apareceu nenhum retorno, confirmando a marginalidade acadêmica do assunto no turismo brasileiro.

É preciso considerar e analisar diferenças de raça, etnia, gênero e classe, pois é impossível pensar que o turismo esteja desconectado da realidade em que vivemos, na qual precisamos lutar diariamente contra tais desigualdades.

Além disso, como analisam Ferreira e Casagrande (2018), a baixa presença de negros no espaço turístico do país decorre de práticas de cruzamento e estruturação de gênero, classe e raça/etnia que ignoram as diferentes necessidades dos sujeitos negros por uma vida melhor. Tornando-se difícil para eles, portanto, experimentar o turismo moderno devido às suas condições e demandas sociais, econômicas e culturais.

Ainda na etapa de conceitualização, abarcando as discussões sobre negros e turismo, pode-se citar o Turismo de Base Comunitária (TBC), praticado em comunidades tradicionais - como as comunidades quilombolas. De acordo com o art. nº 2 do Decreto nº 887/03, comunidades quilombolas são definidas como "grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida" (BRASIL, 2003). Na verdade, o princípio desse turismo é o desenvolvimento sustentável com enfoque político, cultural e humano, que valoriza os costumes e crenças da comunidade, neste caso a protagonista da atividade.

Ainda assim, deve-se considerar o turismo acrítico, que naturaliza o racismo e a escravidão. Um caso notável é a Fazenda Santa Eufrásia⁵ [Rio de Janeiro], onde até 2017, mulheres negras vestidas de escravizadas e juntamente com a "sinhá" hospedavam turistas. A região do Vale do Café⁶ possui muitos hotéis-fazenda – como o próprio Santa Eufrásia –

⁵ [A Fazenda Santa Eufrásia é a única propriedade particular da lista Vale do Café do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional \(Iphan-RJ\) no Rio de Janeiro.](#)

⁶ Localizado no Vale do Paraíba Sul Fluminense, o Vale do Café é a denominação turística da região que abrange os municípios de Vassouras, Valença, Rio das Flores, Barra do Piraí, Piraí, Engenheiro Paulo de Frontin, Mendes, Paty do Alferes, Miguel Pereira, Paraíba do Sul e alguns distritos como Ipiabas (Barra do Piraí) e Conservatória (Valença).



onde as visitas ao teatro nestes locais são frequentes, reforçando de forma positiva a identidade afro-brasileira do local ou negativa, disseminando ideais escravagistas, como é o caso da Fazenda Santa Eufrásia.

Na Fazenda Santa Eufrásia havia um discurso de escravizados que minimizava a barbárie da escravidão a partir de uma estranha experiência histórica, sem questionar a inadequação dos aparelhos de tortura nas casas de escravos, e mantendo-se completamente calados sobre os rituais que fazem apologia à escravidão.

Como exemplo final da discussão sobre negros e turismo, pode-se falar sobre o afro-empreendedorismo, o empreendedorismo de negros que produzem cultura negra e em seu nome, ou seja, criam relações comerciais que dão visibilidade a essa cultura, com apoio mútuo. No geral, este ponto representa a formação de uma rede comercial que forma um ecossistema de produção e consumo de negros para negros (NASCIMENTO, 2017; OLIVEIRA, 2020).

O crescimento da valorização e do acesso à cultura negra estão diretamente ligados com o crescimento do Afroturismo. Visto a sua importância, a cultura afro incentiva mais pessoas a buscar locais que estejam ligados à ela e sua história durante uma viagem. Além disso, o reconhecimento e a valorização da cultura afro e do Afroturismo estão intrinsecamente ligados às ações desenvolvidas pelo poder público, como pode ser visto no tópico a seguir.

1.3. Segmentação do turismo: a visão do poder público sobre a cultura afro e o Afroturismo

O turismo tem ganhado cada vez mais espaço dentro da dinâmica cultural e econômica do mundo, tendo se tornado cada vez mais acessível, diminuindo a exclusividade da atividade a determinados grupos.

A atividade turística é extremamente influenciável por fatores externos como desastres, crises econômicas, crises sanitárias, tendo como exemplo a recente pandemia da covid-19, fatores políticos, ambientais, culturais e qualquer questão que impacte diretamente na imagem de um destino. De acordo com Azevedo et al (2012, p. 494),



Devido às características particulares do setor, principalmente a sazonalidade e a sensibilidade aos acontecimentos do mercado, estudar seus segmentos, assim como o comportamento e preferências de compra, pode proporcionar importantes informações aos gestores do setor na busca de um crescimento ordenado e sustentável.

Os segmentos turísticos surgiram da importância de se ter uma atenção especial no âmbito do planejamento turístico e monitoramento da atividade por parte dos gestores públicos, da comunidade e da iniciativa privada.

Em vista disso, em 2010, o MTur lançou um programa de Segmentação do Turismo e fez a publicação de cadernos voltados para a definição de produto, oferta e dos 12 segmentos turísticos, sendo eles: Ecoturismo, Turismo de Aventura, Turismo Cultural, Turismo de Estudos e Intercâmbio, Turismo Náutico, Turismo de Negócios e Eventos, Turismo de Pesca, Turismo Rural, Turismo Social, Turismo de Sol e Praia, Turismo de Esportes e Turismo de Saúde. Cada caderno de segmento contemplou as definições do segmento, informações e orientações básicas para as atividades.

Desta forma, o MTur (2010) considera a segmentação do Turismo como forma de organizar a atividade turística. De acordo com a definição, o “segmento, do ponto de vista da demanda, é um grupo de clientes atuais e potenciais que compartilham as mesmas características, necessidades, comportamento de compra ou padrões de consumo” (MTUR, 2010, p. 7).

Apesar de existir uma preocupação em orientar o trade turístico sobre os temas dos segmentos, o Mtur nunca publicou um caderno como este ou criou algum conteúdo voltado para o Afroturismo, mesmo já tendo abordado o turismo étnico no caderno de turismo cultural.

Uma maneira de incentivar o Afroturismo, por parte do governo, é pela valorização da cultura afro, que pode ser pela implementação de ações afirmativas⁷ como o Estatuto da Igualdade Racial, criado em 2010 no governo Lula, que aborda temas como Educação, Cultura, Trabalho, entre outros, como é possível ver na Figura 2, a seguir.

⁷ Programas e medidas especiais adotadas pelo Estado e pela iniciativa privada para a correção das desigualdades raciais e para a promoção da igualdade de oportunidades.

Figura 2 - Alguns dos principais trechos do Estatuto da Igualdade Racial

Saúde	Serão elaboradas políticas universais, sociais e econômicas destinadas à redução do risco de doenças
Educação	O estudo da história africana e da população negra no Brasil é obrigatório em estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados
Cultura	Serão reconhecidos como patrimônio histórico e cultural os clubes, as sociedades negras e outras formas de manifestação coletiva, com trajetória histórica comprovada
Capoeira	A capoeira será reconhecida, em todas as suas modalidades, como bem de natureza imaterial e de formação da identidade cultural
Liberdade Religiosa	O estatuto garantirá o livre exercício de cultos religiosos e a proteção aos locais de manifestação de matrizes africanas. Será assegurada ainda assistência religiosa para os que cumprem medida privativa de liberdade.
Trabalho	Será garantida a igualdade de oportunidades no mercado de trabalho para a população negra, com medidas que incentivem a igualdade nas contratações do setor público e de empresas e organizações privadas
Comunicação	A participação de atores, figurantes e técnicos negros será incentivada em filmes e programas de TV, sendo proibida qualquer discriminação política, ideológica, étnica ou artística

Fonte: Estatuto da Igualdade Racial - Lei 12.288, de 20 de julho de 2010

Fonte: Estatuto da Igualdade Racial - Lei 12.288, de 20 de julho de 2010.

Esses temas que deveriam estar diretamente relacionados com a forma que o Estado trata o negro e seus direitos. No entanto, de acordo com a Agência Câmara de Notícias, em 2020, um relatório feito em 2020 pela Consultoria Legislativa e pela Consultoria de Orçamento, alerta para o esvaziamento de iniciativas voltadas à promoção da igualdade racial. O relatório técnico preliminar “Direitos da População Negra e Combate ao Racismo” aponta que o governo federal não tem executado grande parte dos programas de combate ao racismo e à violência contra a população negra e outros grupos em situação de vulnerabilidade.

Outra forma de reconhecer e potencializar iniciativas que valorizam a cultura negra é por meio do fornecimento de dados que possam apoiar o crescimento do setor. Dentre esses



dados estão as pesquisas de demanda⁸, que são aplicadas ao redor do mundo, seja por empreendimentos, por instituições privadas ou pela gestão pública dos destinos. Apesar de existirem, elas não coletam a cor dos turistas. Este fato resulta em um ocultamento de informações relevantes para entender a dinâmica do Afroturismo no Brasil e no mundo.

Apesar da falta de dados quantitativos sobre os turistas negros, Santos (2018) revela informações valiosas em seu estudo sobre o segmento. Ao realizar uma pesquisa com 580 viajantes negros brasileiros, descobriu que 46,7% já vivencou ou presenciou situações de racismo ou injúria racial em viagens nacionais e 21,3% em viagens internacionais.

Portanto, é responsabilidade do Estado fomentar ações afirmativas relacionadas ao Afroturismo que potencialize iniciativas para o setor e para o segmento. Mas, para que isso se torne factível, um dos principais viabilizadores dessa jornada é a compreensão e a produção de materiais técnicos e orientativos que disseminem os conceitos e a importância do Afroturismo para os *stakeholders* do segmento.

Assim como a valorização da cultura afro, na medida em que o poder público potencializa esta cultura e também o Afroturismo, o segmento cresce, respaldado pelo apoio do setor público ao promover o segmento com ações de fomento, suporte e desenvolvimento.

Apesar do cenário desenhado até aqui, esse trabalho também visa compilar exemplos e práticas de atuação do poder público em destinos marcados pelo Afroturismo, onde temos o caso de Salvador (BA), melhor detalhado no capítulo a seguir.

⁸ As pesquisas de demanda turística visam entender o perfil do turista a fim de aprimorar a definição de ações estratégicas mais assertivas uma vez que se tem diversas informações do perfil do visitante.

Quilombo da Fazenda - Ubatuba/SP



Fonte: Viajar Verde, 2020.



2. SER E PERTENCER: O PRESENTE DO AFROTURISMO

Neste capítulo, serão apresentadas práticas que objetivam fortalecer o segmento do Afroturismo, tanto no cenário mundial quanto no cenário nacional, com especial atenção para a cidade de Salvador, capital mais negra do mundo fora da África (TV BRASIL, 2014).

Apesar de existirem diversas cidades ao redor do país marcantes pela cultura afro, com grande destaque para a importância da cidade de São Paulo, Salvador foi escolhida por ter um importante papel no âmbito das ações do poder público voltadas para o Afroturismo. Ao longo da identificação das práticas, foram considerados os três grandes pilares vistos anteriormente, ou seja, a valorização da cultura afro-diaspórica, a atuação ativa do poder público como principal foco e a participação da iniciativa privada.

2.1 Práticas de fomento ao Afroturismo no âmbito mundial

Nos Estados Unidos, o *#blacktravelmovement*, em tradução livre “movimento de Afroturismo”, leva os afro-americanos a vivenciarem experiências em países africanos ou da diáspora negra e movimenta cerca de 300 bilhões de reais todos os anos. Por lá, entre as empresas que realizam viagens afrocentradas estão: [Nomadness](#), [Travel Noire](#) e [Black & Abroad](#). Fazendo um paralelo com a realidade brasileira, há uma expectativa geral que esse movimento se torne crescente nos próximos anos e que todos possam conhecer mais da história da população negra, que é maioria da população brasileira.

A África do Sul também se destaca no segmento. O país foi o primeiro destino africano durante as décadas de 1970 e 1980, mas apresentou uma fase de estagnação devido ao regime político existente no país. Logo após o *apartheid*, a partir da década de 1990 e das eleições diretas, o país se abriu para os investimentos turísticos, o que permitiu sua notável recuperação nas últimas duas décadas, resultando num crescimento de 101% da demanda entre 1994 e 2005 (SOUTH AFRICAN TOURISM, 2005).

Sobre seu crescimento, cabe dizer que o continente africano está se transformando aos olhos do mundo. Em 2018, a África recebeu 67 milhões de turistas, crescimento de 14 milhões em comparação com 2017, sendo a África do Sul um dos destinos mais procurados



entre os viajantes. De acordo com dados oficiais do governo sul-africano (2019), em 2018 a África do Sul teve crescimento de 10% na quantidade de turistas vindos do Brasil, sendo 70 mil em 2017. Para o futuro, a Organização Mundial do Turismo prevê que até 2030 1.8 bilhões de pessoas vão viajar pelo mundo e o continente africano deve receber 126 milhões de voos, quase o dobro de 2018.

Por ter a cultura afro intrínseca em seu país, as ações do governo estão diretamente relacionadas com o Afroturismo do destino.

Dito isso, o Conselho de Empoderamento Econômico do Turismo Negro (*Tourism Black Economic Empowerment Council*) e os *stakeholders* do Setor do Turismo, manifestaram a consciência da necessidade de desenvolver e avançar iniciativas setoriais para capacitar os sul-africanos negros, e, com isso, tornar o setor mais acessível, mais relevante e mais benéfico para todos os sul-africanos.

Em 2003, a estratégia *Broad-Based Black Economic Empowerment* (B-BBEE) (Empoderamento Econômico Negro de Base Ampla, tradução nossa) foi transformada na lei B-BBEE Act, nº 53 de 2003. Seu objetivo fundamental foi promover a transformação econômica e aumentar a participação dos negros na economia sul-africana.

Como uma de suas premissas, o Plano Estratégico da África do Sul de 2020/21 a 2024/25 objetiva desbloquear o investimento de empreendedores negros em projetos de turismo viáveis, reduzindo lacunas que dificultam empréstimos.

Nesse Plano também foi abordada a importância do tema para a agenda do governo, implicando na valorização da cultura negra como um todo. Esta prática reforça a importância de se ter estratégias governamentais que estimulem o Afroturismo. Neste caso, o poder público analisou os dados e identificou a necessidade de se investir no setor, considerando a falta de representatividade da população negra e seu envolvimento nas tomadas de decisão. Entre as iniciativas privadas que atuam no território sulafricano e que trabalham diretamente com o Afroturismo, estão as empresas: Brafarika, Guia Negro, *Black Girls Travel Too*, *Adventure in Black* e *Black & Abroad*.

Entendendo o contexto mundial, são apresentados a seguir alguns casos de destaque no cenário brasileiro voltados para o Afroturismo, com enfoque em Salvador, popularmente



conhecida como “a África do Brasil”. Cabe ressaltar que, dando luz e sendo o foco principal deste trabalho, estão as ações implementadas pelo poder público para fomentar o segmento.

2.2 Exemplos de experiências em Afroturismo no Brasil

O Brasil é o país com a maior população negra fora da África, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), estima-se que a população negra brasileira seja de 56,4% – para o órgão, a somatória de pretos e pardos constitui a categoria “negros”.

As cidades de São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro são os destinos nacionais que concentram a maior parte das experiências voltadas para o Afroturismo. Mas, há possibilidades de praticar o Afroturismo em todos os estados brasileiros: em Curitiba (PR), há a [Linha Preta](#), que leva os turistas para conhecer a história negra da cidade; a [Auá Turismo](#) faz a rota negra em Piracicaba (SP); já a [Alagoas Cultural](#) realiza a Andança Negra por Maceió (AL), além de visitas a Palmares, entre outras. Há ainda agências focadas no intercâmbio (estudo de inglês, francês, entre outras experiências) em países da África e da diáspora, como é o caso da [Bernatur](#) e da [Go Diáspora](#).

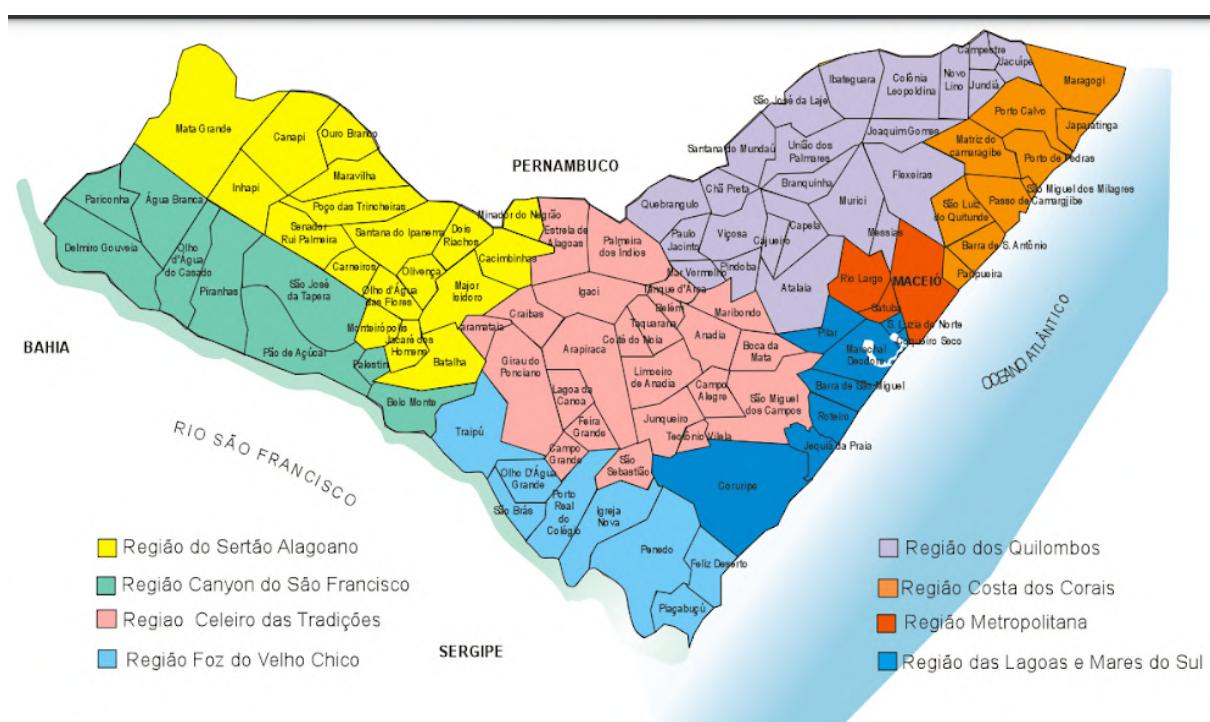
A cidade de São Paulo tem a maior população negra absoluta do Brasil, apesar de representar 40% na população do município (IBGE, 2020), há uma marcada disputa por territórios, pela história e pela memória, também identificado em outros destinos brasileiros. Essas são lutas diárias que reivindicam a história que não é contada, reivindicam o empoderamento e a participação de grupos socialmente minoritários na ocupação dos espaços públicos, dos patrimônios existentes e reivindicam o resgate daqueles patrimônios que foram apagados e ofuscados. A narrativa contada por meio destes espaços é reforçada pela atividade turística (RODRIGUES, 2021, P. 56).

Diante disso, vale ressaltar que Michael Pollak, em 1989, chamou de “memória subterrânea”, aquela que destaca as análises e perspectivas das minorias. Sobre isso, Rodrigues (2021, p. 56) aborda que essas análises e perspectivas são entendidas “por narrativas reivindicadas, os processos que deixam em evidência esses resgates coletivos

que resistem nos espaços, mesmo diante de um sistema de opressão” e no caso de sua pesquisa, “um sistema racista e embranquecido”.

Levando essa abordagem em consideração, há diversos casos que podem ser citados como práticas da valorização da cultura afro e do fortalecimento do Afroturismo. Um exemplo, com foco no Planejamento Turístico, é a Cartilha de Regionalização de Alagoas, que aborda a importância dos quilombos e da cultura negra no estado. Nela consta o mapa das regiões turísticas e mostra a Região dos Quilombos, como é possível observar na Figura 3, a seguir.

Figura 3 - Mapa das regiões turísticas de Alagoas



Fonte: Cartilha de regionalização de Alagoas (2003 - 2007).

Essa foi uma estratégia utilizada pelo poder público com o objetivo de valorizar a cultura afro no planejamento turístico. Ainda que de maneira embrionária, as discussões que envolvem o tema fortalecem o Afroturismo e seus atores.

O governo do estado de Alagoas possui algumas ações iniciais de fomento do Afroturismo no território. Em sua página do *Instagram*, a Secretaria Estadual fez a postagem de algumas ações voltadas para o “Dia da Consciência Negra”, como *folder, press trip, capacitações, eventos, campanha*, como consta na Figura 4, a seguir.

Figura 4 - Postagens sobre o Dia da Consciência Negra





Fonte: Conta do Instagram do governo estadual de Alagoas, 2022.

Em Alagoas, o Guia Negro, assim como outras agências em São Paulo especializadas em roteiros temáticos como a Brafrika e a *Diaspora.Black*, já conta com suporte de operadoras de turismo do Estado como a “Alagoas Cultural”. Criada em novembro de 2019, em Maceió, pela Relações Públicas Érica Rocha e pela turismóloga Jéssica Conceição, a iniciativa abrange roteiros na capital, chamados “Andança Negra”, com passeios temáticos tratando de episódios e personalidades de religiões de matriz africana, como o Quebra de Xangô ou o Moleque Namorador.

Considerando tudo isso, Sodré (2002, p. 19) alerta sobre como as cidades brasileiras são “capitalisticamente planejadas”, tudo é pensado, organizado e executado, “desde o traçado das ruas, a valorização dos bairros e a construção de prédios majestosos até a localização dos lugares de serviço público”. São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro, Alagoas e tantos outros destinos são exemplos disso. As cidades foram modificadas estrategicamente para fascinar, ludibriar e, como também reforça o autor, “esmagar as diferenças” (RODRIGUES, 2021, P. 52).

Apesar disso, Salvador é um dos únicos destinos turísticos do país que possui ações do setor público voltadas para o reconhecimento da cultura negra e para o impulsionamento do Afroturismo, como será visto no tópico a seguir.



2.3 Experiência do município de Salvador (BA) com o Afroturismo

A Bahia é mundialmente conhecida como o tesouro africano do outro lado do Atlântico, e Salvador, com 2,9 milhões de habitantes e mais de 80% de sua população negra, pode ser considerada uma das principais capitais da cultura africana no além-mar. De acordo com Reis (1988), mais de um terço dos escravos capturados na África durante a escravidão foram trazidos ao Brasil para trabalharem na indústria do açúcar. Em alguns momentos, Salvador pode parecer bastante portuguesa, mas as raízes da cidade remontam ao Oeste da África. Da culinária apimentada à musicalidade única e às fascinantes cerimônias religiosas marcadas pela dança, essa cidade é um grande turbilhão de sentidos.

O Carnaval de Salvador não é feito somente de um deboche despreocupado. Os foliões ganham um presente inesperado. O Carnaval envolve política, ao estilo brasileiro. Todos os anos, blocos-afro, expressões culturais que lutam para promover a cultura negra por meio da música, dança e moda, tradicionalmente abordam complexas questões políticas durante os desfiles realizados em celebração a seus ancestrais africanos. Mas além de tudo, o Carnaval de Salvador é um ativo econômico valioso e, segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (CNN BRASIL, 2021), movimenta quase R\$ 2 bilhões de reais durante os dias de festa, além de ser a principal renda de 60 mil trabalhadores.

Durante a escravização, estima-se que 1,7 milhão de pessoas, a maioria trazida de onde hoje é Benim, foram vítimas de tráfico para trabalharem forçosamente na Bahia. E os blocos afro de carnaval não querem que as pessoas esqueçam disso. A ativista e vice-presidente de um desses blocos, Luma Nascimento, em entrevista para o Abreu (2019), conhece bem a ligação entre festa e política. "É possível ver uma divisão étnica mais clara durante o Carnaval", afirma ela. "Aqueles que podem pagar para terem acesso a um camarote são normalmente brancos, ao passo que as pessoas que os servem são, predominantemente, pessoas negras", envolvendo não só pautas raciais mas também pautas sobre classe.

Para concluir, a Bahia como um todo está intrinsecamente ligada às religiões de matrizes africanas. Os terreiros sofriam com a crescente urbanização e ameaça de perder as



suas terras, pois a maioria desses espaços não tinham escrituras de posse da terra e até o ano de 2022, pagavam Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) por não serem considerados templos religiosos. Foi somente no dia 17 de fevereiro de 2022 que o Congresso promulgou a Emenda Constitucional 116/2022 que assegura aos templos religiosos de qualquer culto a isenção do IPTU.

Como forma de reconhecer e valorizar a cultura afro na cidade, o setor privado tem desenvolvido iniciativas para entregar boas experiências em Afroturismo para os quase 10 milhões de turistas que visitam Salvador anualmente. Como exemplos de empresas que realizam roteiros afrocentrados por todo o destino, tem-se o Guia Negro, Brafrika e Afrotours. Além da iniciativa privada, há também as iniciativas desenvolvidas pelo setor público, como é possível ver a seguir, para aumentar o já volumoso fluxo turístico no município.

2.3.1 Práticas estabelecidas pelo poder público baiano

Dentre os estudos feitos sobre o desenvolvimento e prática do Afroturismo, a análise dos impactos nas comunidades dos Terreiros de Candomblé na Bahia, sob a perspectiva do desenvolvimento deste turismo impulsionado pelo Estado, é um trabalho ainda inovador.

Por isso, o governo estadual iniciou o desenvolvimento de dois projetos que afetam diretamente os terreiros. O Projeto da Secretaria da Reparação que prevê o levantamento fundiário desses espaços, em 2006 e o Programa de Ação do Turismo Étnico Afro da Bahia em 2007, para inseri-los nos roteiros turísticos de Salvador, respaldado pelo Ministério do Turismo (SETUR, 2009).

O estado da Bahia desenvolveu o Plano de Desenvolvimento do Turismo Étnico-Afro, com um aporte de R\$15 milhões (BAHIA NOTÍCIAS, 2022) vindos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), e já tem dois programas em execução. Um deles é o [Afro Biz](#), plataforma que conecta a indústria criativa afro de Salvador a consumidores e investidores do Brasil e do mundo, e o outro é o [Afro Estima](#), capacitação e mentoria para afroempreendedores do turismo étnico-afro.

O primeiro passo do programa foi fazer um diagnóstico sobre as demandas da comunidade local, principalmente envolvendo os afroempreendedores. Um dos pontos



destacados foi a baixa inserção no mercado. Por meio da plataforma Afro Biz, a prefeitura passou a agregar afroempreendedores, com uma espécie de vitrine para apresentação de produtos e serviços.

Além dessas ações e da promoção do Afroturismo de forma midiática, em 2010 o governo do estado da Bahia publicou um material intitulado como “[Turismo étnico-afro na Bahia](#)”, como é possível ver na Figura 5. Seu conteúdo aborda assuntos voltados para a contextualização da cultura afro na Bahia, cita exemplos de prática e valorização desta cultura, além de informar sobre religiões de matriz africanas, presença dos quilombos no território, bem como experiências já existentes voltadas para o Afroturismo na Bahia.

Figura 5 - Cartilha Turismo Étnico Afro na Bahia

The figure consists of two parts. On the left is the cover of the booklet, which has a yellow background with the title 'turismo étnico afro na Bahia' in large, stylized letters. Below the title, it says 'Secretaria de Turismo do Estado da Bahia' and 'Salvador Bahia Brasil'. On the right is the first page of the booklet, titled 'Religiões de matriz africana'. It features a decorative vertical border on the right side. The page contains text about the history and challenges of African-derived religions in Brazil, specifically in Salvador. There are also small illustrations of traditional symbols like a crown and a sun.

Religiões de matriz africana

As religiões de matriz africana sofreram toda sorte de discriminação e perseguição, inclusive política. No Brasil, elas se integraram ao catolicismo, ampliando e oferecendo novas formas de cultuar as divindades, como observa Lody⁷. Atualmente, nove religiões de matriz africana resistem no Brasil. Na Bahia, encontramos três delas: candomblé, umbanda e jê⁸. A mais disseminada, porém, é sem dúvida, o candomblé.

As primeiras manifestações religiosas dos africanos na Bahia receberam a denominação de *calundá*. De acordo com a etnólogista Yeda Pessoa de Castro⁹, o vocábulo de língua bantu foi registrado no século XVII, na poesia de Gregório de Matos, e nessa acepção original significa "obedecer a um mandamento, realizar um culto, invocando os espíritos, com mistica e dança".

No Brasil e, especialmente na Bahia, segundo Câmara Cascudo¹⁰, a palavra adquiriu dupla sentido em função do espírito ancestral dos africanos que, originários da África Ocidental, traziam consigo carinho, amor e mal humorado no rosto e no comportamento daqueles que, em transe, eram possuídos pelas divindades. Por isso, a expressão 'no calundá' ou 'de calundá' passou a designar, num primeiro momento, a tristeza dos escravos e, posteriormente, ao estado, à condição de estar sangrado, agressivo, de mau humor.

Irmandades negras

No impossibilitade de manifestar publicamente suas religiões, os africanos buscaram demonstrar sua fé através de várias expedições. Enquanto uns optaram por praticá-las escondidas e de forma camouflada, a exemplo do que se chamava de *calundá*, outros elegiam o culto a santos negros da Igreja Católica.

⁷ LODY, Rosângela. *Afro-brasil: Cultura Popular Salvador*. Edições Malangá, 2006.

⁸ CASTRO, Yeda Pessoa de. *Folias Africanas na Bahia - um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras / Topázio, 2001.

⁹ CASCUDO, Laís da Cunha - Dicionário de Folclore Brasileiro. São Paulo: Global, 2001.

¹⁰ COMEMORAÇÃO DO DIA DAS BAIANAS, no Pelourinho, Salvador, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos

Fonte: Setur-BA, 2009.

Dados do SEBRAE revelam que, atualmente, 49% dos negócios no país são comandados por negros. Na distribuição estadual desse contingente afroempreendedor, a Bahia representa 12%, enquanto sua população negra representa 10,6% da população negra brasileira (IBGE, 2022), havendo portanto comprovada aderência e potencial do tema Afroturismo na região.



Nesse sentido, a prefeitura de Salvador lançou o projeto Salvador Capital Afro em agosto de 2022, que objetivou promover ações para valorizar manifestações culturais e incentivar o potencial criativo, as tradições, as tecnologias ancestrais e o afroempreendedorismo. É voltado para o incentivo do turismo nesse segmento, em áreas com comprovado e significativo potencial, a fim de proporcionar um conjunto de experiências.

O Salvador Capital Afro é desenvolvido pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (Secult) em parceria com a Secretaria da Reparação (Semur) e tem financiamento do BID. A ideia é fomentar atividades culturais, religiosas, artísticas e econômicas, tais como dança, arte, literatura, música, moda, gastronomia e esporte, destacando a força e expressão da cultura afro-brasileira presente na cidade.

Neste cenário, o Salvador Capital Afro também visa destacar e desenvolver os afroempreendedores locais, em especial, as mulheres, chamando atenção para os produtos turísticos que são fornecidos pelos principais responsáveis por atrair e encantar quem visita a cidade. Entre aqueles que fazem parte da indústria criativa de Salvador estão as baianas de acarajé, capoeiristas, artistas, guias de turismo, trançadeiras, turbanteiras, operadores de turismo que organizam roteiros e experiências afros. Além disso, o propósito é ampliar a oferta de trabalho, emprego e renda, bem como criar valor e relevância para empreendedores negros.

Em outubro de 2022 foram abertas as inscrições para o [Festival Salvador Capital Afro](#), que tem como objetivo promover a aceleração e fortalecimento de negócios em Afroturismo, empreendedorismo, artes e cultura, com Rodadas de Negócios e Mentorias. No eixo Afroturismo, com a Formação SCA LAB realizada pela *Diaspora.Black*, o intuito é favorecer a evolução de iniciativas de Afroturismo em Salvador fomentando e desenvolvendo o ecossistema com guias, agências, empreendedores, coletivos ou associações culturais ligadas à cultura negra fundadas ou composta por pelo menos uma pessoa fundadora autodeclarada negra (preta ou parda).

Considerado um grande marco do Salvador Capital Afro, o festival é totalmente gratuito e está previsto para acontecer no final de 2022, em espaços do Centro Histórico da cidade baiana. De acordo com a organização, o evento reunirá diversas atividades voltadas



para valorização e fomento da economia criativa preta da cidade, assim como para estímulo ao desenvolvimento de políticas públicas necessárias para o posicionamento de Salvador como uma cidade antirracista.

Apontado como um ecossistema capaz de reunir uma diversidade de público e interesses, por meio de quatro pilares – político, econômico, educacional e cultural , o evento também é visto como uma base de transformação social, cujo foco é capacitar pessoas, mobilizar negócios e envolver, de forma atrativa, toda a cadeia de afroempreendedores, gerando lucro e renda para esse público, bem como a sociedade de modo geral.

A capital baiana se destaca no contexto apresentado pelas ações do poder público em relação ao Afroturismo, com estratégias governamentais que visam fortalecer o setor, promovendo os afroempreendedores e valorizando a cultura afro local.



Afroturismo pelo bairro da Liberdade/SP



Fonte: Telles, 2021.



3. BOAS PRÁTICAS VERSUS RESISTÊNCIA: SE NÃO HOUVESSE UM DEFEITO DE COR

A ausência de políticas públicas faz com que as ações principais que potencializam o segmento de Afroturismo comecem com os afroempreendedores. São as mãos que constroem a partir de seus corpos e identidades. Isso se dá como um ato de resistência. Empresas essas que não foram, e ainda não são, apoiadas pelas políticas públicas.

Por tudo isso, espera-se que as políticas públicas tragam uma ação mais ampla ao Afroturismo, respeitando o que as iniciativas já pregam.

Como exemplo de resistência, existe a Rede Afroturismo⁹ que reúne diversas empresas que trabalham com Afroturismo e tem como objetivo promover encontros e ações voltadas para o fortalecimento do segmento. Esse espaço é de extrema relevância para que as empresas possam se apoiar umas nas outras proporcionando o fomento coletivo. Tem-se também as feiras voltadas aos afroempreendedores como a Feira Preta ou a Feira Ilé-Ifè, em São Paulo.

Contudo, dentre os casos mapeados, nota-se que as ações do poder público, equiparadas com as da iniciativa privada, ainda têm muito a crescer. Mesmo assim, são ressaltadas, em seis grandes temáticas de atuação presentes nos cases estudados e no planejamento turístico por parte do setor público como um todo. Essas temáticas são apresentadas a seguir.

- Capacitação para atores envolvidos com o turismo

É de suma importância que os atores envolvidos no turismo sejam capacitados de acordo com a atividade que exercem. No caso citado de Salvador (BA), por exemplo, há o Festival Salvador Capital Afro, que tem, como um de seus objetivos, a capacitação dos participantes.

⁹ Coletivo de profissionais e empreendedores negros que atuam em prol do Afroturismo, disseminam o conceito e pleiteiam benefícios e financiamentos para o setor.



Santos (2018, p. 66) aponta que importantes atores da cadeia produtiva do turismo não estão aptos em muitos dos casos para atender o viajante afro-brasileiro devido a profundidade das estratégias que o racismo permeia socialmente. Ela afirma ainda que “a receptividade do espaço onde o turismo acontece é responsabilidade também de quem atua e reflete sobre o setor”. Isso reforça a percepção de que, além de faltar planejamento voltado para valorização da cultura afro, é preciso conscientizar e capacitar os atores do *trade*.

Para tanto, é necessário que dentro da capacitação, haja uma abordagem sobre a importância de se atentar a como são elaboradas e executadas as atividades voltadas para o segmento. Tem-se como exemplo a não ser seguido, o caso da Fazenda Santa Eufrásia, em Vassouras, no Vale do Paraíba Fluminense. De acordo com a matéria do The Intercept Brasil (2016), a fazenda fazia com que pessoas negras servissem os visitantes, vestidas com trajes de escravizadas da época, como uma forma de replicar uma narrativa vivida no período da escravidão. Depois da repercussão do caso, o Ministério Público Federal abriu inquérito que apurou a violação de direitos fundamentais na programação turística da Fazenda Santa Eufrásia, bem como a possível violação ao patrimônio histórico, tendo em vista a sua finalidade de educação e reparação simbólica de violações de direitos perpetradas no local em tempos passados.

Apesar de ser um caso extremo e marcante, é preciso se atentar para não reproduzir estereótipos e racismo nas ações voltadas para o segmento de Afroturismo.

Por isso, alguns temas sugeridos para serem abordados nas capacitações são:

- História da cultura afro;
- História das religiões de matrizes africanas;
- Formas de contar narrativas que incluem a cultura afro;
- Como desenhar experiências voltadas para o segmento.

Capacitar os atores do *trade* turístico pode aumentar a qualidade de atendimento turístico, tornando-o mais inclusivo e preparado. Além disso, as experiências e estratégias das empresas que passaram pela capacitação podem ser desenhadas com o intuito de valorizar e fomentar a cultura afro, sendo mais conscientizadas e aperfeiçoadas.



- Recomendações sobre o Afroturismo

Com a intenção de compilar pontos cruciais para a atuação e fortalecimento do Afroturismo, Guilherme Dias, sócio-fundador do Guia Negro criou um material (Figura 6), em parceria com o Sebrae, com o objetivo de conceituar o Afroturismo e indicar práticas recomendadas para o desenho de iniciativas e desenho de experiências.

Figura 6 - Manifestações culturais que compõem roteiros turísticos

	Visitas às comunidades quilombolas	Conhecer comunidades que resistem ao tempo e mantêm viva a cultura e os costumes dos quilombos.
	Rodas de conversa e contação de histórias	Ouvir a história da formação de quilombos, as lutas e conquistas através das vozes das lideranças quilombolas locais.
	Oficinas de confecção e venda de artesanato	Aprender a confeccionar artesanato em materiais como fibra de bananeira. Observar a produção de artesanato e poder comprar no local produtos associados à cultura afro.
	Oficinas de Garimpo do Ouro	Entender a história de colonização na ótica e vivência de trabalhadores escravizados que faziam o garimpo e mineração do ouro. Uma referência é o Vale do Ribeira, em São Paulo.
	Rodas de violas	Vivenciar uma apresentação de violeiros que tocam e cantam músicas de raízes afro.
	Oficinas de percussão e samba	Aprender a tocar instrumentos de percussão e conhecer as batidas de samba.
	Oficinas de dança	Praticar movimentos básicos da capoeira. Experimentar danças e de falares africanos, como Kimbundu, Yorubá e Fon.
	Roteiros de candomblé em Salvador	Visitar os centros de candomblé e percorrer roteiros que contam a história dos negros da Bahia.
	Ensaios de blocos afro	Participação em ensaios de blocos afro, com direito a camisas e abadás.
	Festas populares	Vivência de festas típicas da cultura afro, como a Festa da Boa Morte e de Yemanjá, em cidades de grande tradição, como Salvador.

Fonte 6: SEBRAE, 2020.

Apesar do conteúdo ser de extrema relevância para um segmento que ainda carece de muita produção teórica, além de ser introdutório e didático, ainda necessita de um conteúdo mais completo que aborda de forma mais detalhada os pontos levantados sobre o Afroturismo.



Com a produção deste tipo de material é possível divulgar dados e informações que sirvam como referencial para quem deseja implementar ações que valorizem o Afroturismo no setor público ou privado.

- Linhas de financiamento/crédito para as iniciativas privadas que trabalham com o segmento

O fator financeiro é um dos grandes desafios para os afroempreendedores, seja por discriminação no momento de realizar um financiamento ou pela desvalorização do segmento. Desta forma, se faz necessária a criação de uma Câmara de Afroturismo e um Programa de Fomento ao Afroturismo.

Como exemplo de ações que facilitem oportunidades financeiras para os atores envolvidos, tem-se a B-BBEE, com ações voltadas para:

- Investimento em empresas geridas por pessoas negras;
- Facilitar acesso ao mercado para pessoas negras;
- Equidade de gênero e cor nos postos de trabalho;
- Valorização da cultura negra, mesmo que os proprietários sejam majoritariamente brancos.

Com ações que favoreçam o acesso dos afroempreendedores e de outros atores que querem atuar com o segmento, no âmbito financeiro, seja por investimentos, financiamentos, linhas de crédito etc, é possível alavancar suas iniciativas e ampliar sua atuação.

- Ações de fortalecimento do Afroturismo dentro do diagnóstico e desenho de estratégias do Planejamento turístico

Em uma pesquisa sobre o planejamento turístico como ferramenta de valorização cultural de comunidades quilombolas, Santana (2008) constatou que “a comunidade não considerou o turismo como potencial a ser desenvolvido, mas como atividade já presente no território”. Suas estratégias de atuação frente a essa situação consistiram em trabalhar



formas de regulação sobre a atividade, controlando seus impactos negativos e potencializando seus efeitos positivos como a geração de renda.

Partindo deste ponto, é possível refletir sobre o modo como o planejamento turístico é feito hoje. Uma narrativa contada e que valorize somente a trajetória do povo branco e que apague ou desvalorize a história dos povos negros pode ser repercutida por décadas e então, um dia, totalmente apagada.

Um caso que pode servir como exemplo é o de Andrequicé, distrito do município de Três Marias, em Minas Gerais. A história que faz o distrito ser conhecido e atrair turistas de todos os cantos é a de um capataz chamado Manuelzão, que se tornou amigo de Guimarães Rosa. Não há traços na história das pessoas negras que moram naquela região e trabalhavam nas fazendas, não há qualquer relato popular que valorize a presença daquelas pessoas, mesmo tendo forte presença de pessoas negras no distrito. O personagem possui uma festa tradicional do distrito, como é possível ver no material de comunicação da Figura 7.

Figura 7 - Material de divulgação da festa de Manuelzão



Fonte: SAMARRA, 2020.

Sobre isso, Oliveira (2020, p. 307) explica que “no Afroturismo, as narrativas contadas não estão descritas nos livros de história, em que o branco é o herói que salvou os negros. Eles partem de outro viés, afrocentrado”. Aqui é possível reforçar a importância do segmento



do Afroturismo, que ele seja potencializado e que os planejamentos turísticos e quaisquer ações de desenvolvimento local contemplem e valorizem as comunidades marcadas pela diáspora africana.

Em sua análise, mesmo reconhecendo a recusa dos moradores para o planejamento turístico, Santana (2008) voltou seus olhares a como trabalhar o desenvolvimento do turismo local. O que é totalmente válido, mas talvez coubesse nessa análise, observações feitas por ela sobre estratégias utilizadas para fazer planejamento em si, e talvez criticá-lo com apontamentos evidentes e relacionados com os resultados obtidos. Este ponto talvez tenha distanciado um pouco a pesquisadora do objetivo proposto. De qualquer forma, seus achados foram muito pertinentes.

Apesar desta consideração, a autora pontua que “o planejamento territorial comunitário dá voz a esse direito, posto que instrumentaliza as intenções comunitárias para a negociação sobre o futuro do território e especialmente sobre a vida no território. Um instrumento que pode ser usado para institucionalizar a representação comunitária, por vezes negligenciada justamente pela falta de um instrumental técnico” (SANTANA, 2008, p. 37).

Já Ward (2019, p. 6) destaca o caso da Ilha Barú, na Colômbia, Figuras 8 e 9, onde os moradores locais foram “contra as ambições de desenvolvimento de desenvolvedores de turismo governamentais e privados que pretendiam transformar a ilha em um destino turístico de massa”. Este é outro tipo de caso recorrente em que o poder público ou privado tenta se apropriar de algo que é propriedade da comunidade local para tirar proveito. Tentam monetizar a todo custo recursos naturais, patrimônios materiais e imateriais que são tão importantes para as comunidades locais.

Figura 8 - Parador Playa Blanca, Barú



Fonte: TripAdvisor, 2016.

Figura 9 - Cabana Princesa del Mal, Barú



Fonte: TripAdvisor, 2018.

Nesta pesquisa, Ward pontua que

O governo colombiano encomendou uma avaliação socioeconômica de habitantes de Barú antes da aquisição de terras ali. Este estudo é importante porque ilustra o profundo efeito que o desenvolvimento do turismo em massa representou para as comunidades tradicionais (neste caso uma comunidade afro-colombiana com tradições enraizadas no século XIX) consideradas “obstáculos” para o desenvolvimento do turismo em massa.

Os ilhéus conseguiram vencer e proibiram o poder público de continuar com o planejamento de desenvolvimento.



Nota-se que o poder público, que deveria representar o povo, ser imparcial e prover o bem para os habitantes, planejava ações que prejudicavam aqueles ilhéus. O cenário de não se ter um órgão público que represente, de fato, os interesses da população, faz com que as comunidades tenham que agir de forma autônoma e sem contar efetivamente com o apoio da gestão pública, como é o caso dos afroempreendedores que trabalham com o Afroturismo.

Tratando-se dos afroequatorianos, Bastidas, León e González (2014) propõem ações estratégicas para o desenvolvimento do turismo afroequatoriano. Algumas delas são:

- Fortalecimento organizacional: apontam que tanto os órgãos de turismo (em nível nacional, regional e local) quanto as lideranças das comunidades devem estar articuladas para o desenvolvimento do turismo afroequatoriano.
- Elaboração de um plano de turismo: que a gestão do turismo local, articulada com a academia, planeje de forma adequada e envolva a cultura afroequatoriana e os afroempreendedores.
- Inovação e diversificação da oferta local: desenvolver processos de investigação de mercado, envolver a comunidade para revisitá-la e potencializar a cultura afroequatoriana.

No planejamento turístico, a pauta étnica é raramente abordada, e a questão que fica patente é: o Planejamento Turístico considera os elementos intrínsecos à cultura afro a partir da diáspora africana?

É preciso que o planejamento, numa proposta de Afroturismo, esteja totalmente voltado para o entendimento de que o processo é endógeno e devem ser consideradas bem como respeitadas as especificidades de cada local. Para isso, é necessário realizar uma série de ações, dentre elas, aquelas citadas por Dias (2020, p. 8) em sua cartilha para o Sebrae, como é visto na Figura 10.



Figura 10 - Ações recomendadas para o Afroturismo



Montar roteiros que conectem a história e as raízes afro: a cultura negra se manifesta na linguagem, nos ritmos, culinária, crenças e costumes que realçam a diversidade do Brasil e marcam presença em muitos destinos e atrativos turísticos. Mapeie e explore diferentes cidades no Brasil e no mundo que oferecem locais de interesse e vivências que mostram a presença afro no mundo.



Criar experiências gastronômicas completas: pense em bolar experiências com a cultura afro que gerem alta explosão sensorial. Crie roteiros onde história, música e gastronomia se encontram. A intenção é permitir que as pessoas vivenciem um momento único, mergulhando em sabores, aromas, sons e comportamentos de uma cultura ancestral. A culinária afro encanta paladares das mais diversas nacionalidades.



Produzir conteúdo de valorização da população negra: Informações sobre gastronomia, religiosidade e capoeira atraem interessados em cultura afro. Além de divulgar serviços e produtos voltados para essas comunidades, busque oferecer conteúdo de qualidade que remeta à história, memória e legados da população negra nas cidades. Use a história como pano de fundo para promover opções de serviços turísticos, como roteiros e experiências culturais.



Criar programação em datas especiais: Datas como o dia Nacional da Consciência Negra (20 de novembro) criam um bom momento para programar passeios que mostrem a influência da cultura negra. O dia é uma homenagem à data de morte de Zumbi dos Palmares, descendente de angolanos e principal representante da resistência negra à escravidão, que nasceu em Alagoas (1655).



Promover experiência: Nos últimos anos, agências de turismo, de intercâmbio e plataformas virtuais começaram a se especializar em atender o turista afro descendente. O foco dos serviços não é necessariamente criar roteiros dedicados a explorar às raízes africanas, mas garantir uma boa experiência de viagem aos negros que, não raro, ainda se sentem discriminados ao fazer turismo em vários países.

Fonte: SEBRAE, 2020.

- Estratégias de promoção e divulgação do segmento

Como exemplo da promoção e divulgação do país está a EMBRATUR que muito vendeu a imagem da brasileira negra disfarçada de mulata carnavalesca. Transformada em símbolo exaltado durante as festividades e abandonada pelo resto do ano. Diacronicamente, ela às vezes era dona de casa; hoje, senhorita (GONZÁLEZ, 1982).

Outro caso a ser citado em relação à divulgação do Afroturismo é Alagoas, que faz uma série de comunicações ao longo do mês de novembro. Nesta ocasião, apesar da



relevância de se ter a cultura afro na sua comunicação, o setor público se limitou ao “mês da consciência negra” para promover essas ações.

Portanto, faz-se necessário dizer que a comunicação de um destino precisa representar o que nele há, não servir apenas como ‘fachada’. É necessário agir no território e ter a comunicação como uma de suas estratégias. A comunicação precisa ser integrativa, representativa e ser uma forma de promover o que já existe no destino.

- Elaboração de um caderno de divulgação sobre o segmento

O material desenvolvido pelo Governo do Estado da Bahia aborda detalhadamente a história e iniciativas desenvolvidas na Bahia, mas se restringe em ser a nível estadual. Já a cartilha desenvolvida por Dias (2020) para o Sebrae é nacional, mas, trata do tema de forma introdutória, sem se aprofundar em alguns detalhes como casos e suas respectivas boas práticas.

Assim como os cadernos de outros segmentos desenvolvidos pelo Ministério do Turismo, ter um caderno voltado para o Afroturismo, com detalhamento da sua prática, bem como, definições, exemplos, cases, atividades práticas etc, respaldará o mercado turístico e seus atores com um material teórico oficial que sirva como suporte para a atuação no segmento.

Com todos os casos estudados e as temáticas apresentadas anteriormente, foi elaborado um painel com práticas recomendadas e práticas não recomendadas para o poder público em relação ao Afroturismo, como é possível ver nos quadros 1 e 2, a seguir.

Quadro 1 - Semear para florescer: Painel de práticas recomendadas acerca do Afroturismo

Práticas recomendadas		
Eixo temático	Ação	Descrição
Capacitação	Promover e indicar capacitações ligadas ao Afroturismo e suas práticas	Capacitar os atores que trabalham com turismo sobre conceitos gerais do Afroturismo e aperfeiçoar os saberes dos que visam se especializar no segmento
Linhas de financiamento/crédito	Viabilizar o acesso dos atores que trabalham com o Afroturismo em linhas de financiamento e de crédito	Entendendo o verdadeiro cerne da questão de acesso dos afroempreendedores em questões financeiras e sabendo que 49% dos negócios no país são comandados por negros, sugere-se que o setor público faça a captação de mais parcerias que facilitem este fator e alavanquem as iniciativas voltadas para o Afroturismo
Promoção e divulgação	Incluir a cultura afro e as práticas de Afroturismo, de forma representativa, na comunicação ao longo do ano	Fazer um Plano de Comunicação que tenha como objetivo a inclusão da cultura afro e a valorização de sua comunidade. Assim, ao envolver os atores, contar

		suas histórias e mostrar os locais marcados pelas narrativas, a cultura local será representada
Planejamento turístico	Reconhecer as histórias da cultura afro local e valorizá-las ao longo de todo o planejamento turístico	Desenhar estratégias de valorização da cultura afro ao longo do processo de desenvolvimento do planejamento turístico, como por exemplo, em Planos de Turismo. Essas estratégias precisam escapar das definições padronizadas de turismo e estar diretamente relacionadas com a particularidade da história local, sem que nenhuma parte seja ofuscada ou desvalorizada
Material oficial orientativo	Produzir um material completo com conceituação, exemplos e orientações sobre o Afroturismo	Em parceria com o setor privado e com a academia, produzir e divulgar um material oficial que compile, de forma didática, os principais conceitos teóricos, exemplos e recomendações práticas para o trade turístico, principalmente aqueles que querem trabalhar com foco no segmento

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quadro 2 - Painel de práticas não recomendadas acerca do Afroturismo

Práticas não recomendadas		
Eixo temático	Ação	Descrição
Capacitação	Disseminar narrativas racistas ou pejorativas	Promover capacitações que reforçam a imagem do negro como subordinado, triste, com a utilização de termos pejorativos, inviabilizando de fato a sua individualidade e a sua história
Promoção e divulgação	Inserir a cultura afro na comunicação de forma genérica	Fazer uma comunicação que envolva a cultura afro com termos ou imagens pejorativas que reforçam a imagem do negro como inferiores. Além disso, limitar a comunicação sobre a cultura afro somente em datas marcantes como o mês da Consciência Negra sem que esta comunicação represente, de fato, a cultura e história do local
Planejamento turístico	Fazer uso de definições óbvias e formatos padronizados de desenvolvimento do turismo que não incluem o Afroturismo	Fazer um Plano de Turismo que tenha seu diagnóstico e suas ações restritas a uma ótica racista e/ou hegemônica e que não reconhece a cultura afro local e as práticas de Afroturismo

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escassez de dados e conteúdos teóricos sobre a cultura afro e principalmente sobre o Afroturismo foram barreiras severas durante todo o processo de construção deste trabalho. Contudo, com o apoio de diversas pesquisas realizadas, foi possível responder os objetivos traçados previamente.

O que se observou no decorrer da pesquisa foi a existência de diversas práticas ao redor do Brasil e do mundo que podem servir como exemplo e referência para quem deseja se especializar no tema e potencializar este segmento que está em uma crescente notável. Mas, verificou-se que os esforços não são coordenados, tampouco têm continuidade (em muitos casos), seja no âmbito local, nacional ou internacional.

Saber sobre o tema também é importante para quem não deseja se especializar no setor, mas entende que é necessário se conscientizar para evitar atitudes racistas e para promover a cultura afro local.

Por isso, considerando os cinco níveis da conscientização afrocêntrica de Asante (1980), abordados anteriormente, o turismo mostra-se um vetor primordial para reconhecer e valorizar a cultura afro, potencializando assim, o Afroturismo.

Também constatou-se que o Afroturismo carece de estudos e materiais orientativos sobre o tema que possam capacitar os atores-chave do setor turístico e parceiros. É preciso que a academia produza mais pesquisas a fim de conceituar e disseminar o Afroturismo, promovendo mais debates acerca do tema que incentivem discussões mais aprofundadas e transformadoras.

Diante dos levantamentos realizados, comprehende-se que, além da produção acadêmica incipiente, ainda há uma lacuna na capacitação do setor privado em relação ao tema, e este não está totalmente preparado para atuar no Afroturismo ou trabalhar com turistas negros.

Apesar disso, há diversos empreendedores e principalmente afroempreendedores que trabalham diariamente em prol do Afroturismo, da disseminação do tema, da valorização da cultura afro, da produção de conteúdos e da capacitação em relação ao segmento. Como



uma forma de somar forças e fortalecer cada vez mais o Afroturismo, foi criada a Rede Afroturismo.

Os resultados confirmam que as diversas práticas existentes ao redor do Brasil e do mundo em relação ao Afroturismo abordam temáticas como: a promoção e divulgação da cultura afro local, bem como das iniciativas já existentes no território; políticas e práticas de fomento à capacitação dos atores do *trade* turístico, da comunidade e dos afroempreendedores e; a produção de conteúdos voltados para explicar e orientar sobre o segmento.

Já em relação a Salvador, algumas práticas notáveis foram em relação a: um material orientativo, o “Turismo étnico afro na Bahia”, o “Programa de Ação do Turismo Etnico Afro da Bahia”, promovendo os roteiros turísticos já existentes, além da “Salvador Capital Afro” que objetivou promover ações para valorização das manifestações culturais e de incentivo ao potencial criativo, tradições, tecnologias ancestrais e afroempreendedorismo.

Portanto, esse estudo identificou iniciativas brasileiras de Afroturismo, com foco na cidade de Salvador, que puderam ser compiladas em orientações básicas da atividade para o poder público. Ou seja, boas práticas em Afroturismo foram sintetizadas em um painel que abordou práticas a serem seguidas e práticas a não serem seguidas em relação ao segmento. Dentre as práticas a serem seguidas estão:

- (i) Promoção e indicação de capacitações ligadas ao Afroturismo e suas práticas;
- (ii) Viabilização do acesso dos atores que trabalham com o Afroturismo em linhas de financiamento e de crédito;
- (iii) Inclusão da cultura afro e das práticas de Afroturismo, de forma representativa, na comunicação ao longo do ano;
- (iv) Reconhecimento das histórias da cultura afro local, além de valorizá-las ao longo de todo o planejamento turístico;
- (v) Produção de um material completo com conceituação, exemplos e orientações sobre o Afroturismo.



Paralelamente, ressalta-se que o poder público tem um papel fundamental no reconhecimento e na valorização da cultura afro, bem como, na promoção e fortalecimento do Afroturismo. Assim, espera-se que o setor público siga as orientações citadas no painel e busquem cada vez mais ampliar as práticas desenvolvidas em prol do crescimento do segmento.

Por fim, sugere-se que mais estudos sejam realizados, unindo a teoria e a prática, com o intuito de fornecer mais subsídios, informações e dados para o segmento. Como pesquisa específica, recomenda-se duas: a importância da inserção padronizada do tema “cor” nas pesquisas de demanda turística e entrevistas com o setor público de diversas esferas do país para entender quais práticas estão sendo mapeadas sobre o Afroturismo e quais estratégias de monitoramento estão sendo traçadas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Pedro. **Salvador, Bahia: o tesouro africano do outro lado do Atlântico.** 2019. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2019/03/salvador-bahia-o-tesouro-africano-do-outro-lado-do-atlantico#:~:text=Mais%20de%20um%20ter%C3%A7o%20dos,remontam%20ao%20Oeste%20da%20%C3%81frica>>. Acesso em: 07 set. 2022.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. **Relatório aponta corte em verbas federais para combate ao racismo.** 2020. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/709406-relatorio-aponta-corte-em-verbas-federais-para-combate-ao-racismo>>. Acesso em: 15 Jun. 2022.

ALAGOAS, SECRETARIA DE TURISMO DE. **Cartilha de Regionalização.** 2007. Disponível em: <http://www.sedetur.al.gov.br/component/downloads/send/58-arquivos/99-cartilha-de-regionalizacao>. Acesso em: 15 mar. 2022.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricity.** Rev. ed. Trenton, N.J.: Africa World Press, 1980.

ASANTE, Molefi Kete. **Uma origem Africana da Filosofia:** Mito ou Realidade?. Capoeira-Humanidades e Letras, v. 1, n. 1, p. 116-121, 2014. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/asante_-_origem_filosofia_africana.pdf. Acesso em: 13 Set. 2022.

AZEVEDO, Maurício Sanitá et al. **Segmentação no setor turístico:** o turista LGBT de São Paulo. Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria, v. 5, n. 3, p. 493-506, 2012.

BAHIA, SECRETARIA DE TURISMO. **Turismo étnico afro na Bahia.** Superintendência de Serviços Turísticos. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2009. 152p.: il. ISBN: 978-85-61458-15-7.

BAHIA NOTÍCIAS. **Salvador investe R\$ 15 milhões para valorização da identidade negra com o afroturismo.** 2022. Disponível em: <<https://www.bahianoticias.com.br/folha/noticia/182031-salvador-investe-r-15-milhoes-para-valorizacao-da-identidade-negra-com-o-afroturismo>> . Acesso em: 01 out. 2022.

BANDEIRA, Fabiana. **Roteiro para uma memória afro-brasileira:** contribuições para a lei 10639/2003. Anais do Seminário Nacional História e Patrimônio Cultural, 2018.

BARBOSA, Solange. **Afroturismo, uma tendência mundial** | WTM Global Hub, 2021. Disponível em: <<https://hub.wtm.com/pt/artigos/turismo-social-e-comunitario/afroturismo-uma-tendencia-mundial/>>. Acesso em: 23 Mai. 2022.

BASTIDAS, Nhora et al. **Retrospectiva, visibilización y revalorización de la herencia cultural del pueblo afro y afroecuatoriano, a través del turismo comunitario para el buen vivir.** Revista Interamericana de Ambiente y Turismo. 2014.



BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. **Institui o Estatuto da Igualdade Racial**; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Brasília, DF, 2010

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural**: orientações básicas. 3º ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-do-estado-da-bahia/turismo-e-hotelaria/t-turismo-cultural-orientacoes-basicas-3a-edicao-mtur/3125214>. Acesso em: 13 Set. 2022.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Decreto questionado na ADI dos quilombolas é defendido por interessados na tribuna do STF**. Brasília, 2003. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=205329>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CNN BRASIL. **Salvador deixa de movimentar R\$ 1,7 bilhão sem Carnaval**. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/salvador-deixa-de-movimentar-r-1-7-bilhao-sem-carnaval/>>. Acesso em: 15 ago. 2022.

DENCKER, A. F.M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 4.ed. São Paulo: Futura, 2000.

DIAS, Guilherme Soares. **Afroturismo ou turismo étnico**: o que é, onde ocorre e como praticá-lo? Guia Negro. 2020. Disponível em: <<https://guianegro.com.br/turismo-etnico-ou-afroturismo-o-que-e-onde-ocorre-e-como-pratica-lo/>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

FAZITO, Mozart. **Modernização turística**: o papel do turismo nos discursos dominantes de desenvolvimento. Perspectivas contemporâneas de análise em turismo, p. 108, 2015.

FAZITO, Mozart. **Turismo crítico**. Seminário da Associação Nacional De Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, v. 9, 2012. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/9/69.pdf>. Acesso em: 06 Mai. 2022.

FERREIRA, Michel Alves; CASAGRANDE, Lindamir Salete. **E quem disse que não é seu lugar?** Por um turismo democrático e inclusivo para negros e negras. **Revista Mundi-Sociais e Humanidades**, v. 3, n. 2, p. 1-21, 2018.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1982.

HINTZE, Helio; JÚNIOR, Almeida. **Estudos críticos em turismo**: a comunicação turística e o mito da democracia racial no Brasil. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 1, n. 17/18, p. 52-72, 2012. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/12767>. Acesso em: 06 Mai. 2022.

INSTAGRAM. **Rede Social Alagoas Cultural**. 2022. Disponível em: <<https://www.instagram.com/alagoas.cultural/>>. Acesso em: 20 out. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC)**. Microdados da amostra. Brasil: IBGE; 2020.



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Projeção população**. 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>>. Acesso em: 24 set. 2022.

LIMA, Maria Regina; SILVA, Fernanda Costa. **Viabilidade turística em territórios rurais**: Revisão da Literatura em face do cenário de Pandemia de 2020. Fólio-Revista Científica Digital-Jornalismo, Publicidade e Turismo, v. 6, n. 1, p. 174-188, 2020.

MAZAMA, Ama. **A afrocentricidade como um novo paradigma**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

MMGY TRAVEL INTELLIGENCE. **The Black Traveler: Insights, Opportunities & Priorities**. 2020. Disponível em: <<https://www.mmgynetwork.com/black-traveler-research-insights/>> . Acesso em: 30 out. 2022.

NASCIMENTO, Eliane Quintiliano. **Empreendedorismo**: efeito refúgio ou oportunidade? Uma análise do empreendedorismo como estratégia de inclusão socioeconômica para a população negra.Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil, 2017.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. **Afroempreendedorismo no turismo, desigualdade racial e fortalecimento da identidade negra**. Revista de Turismo Contemporâneo, v. 9, n. 1, p. 42-63, 2021a.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. **Negros e turismo**: análise da produção acadêmica sobre o tema em revistas vinculadas aos Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil. Rosa dos Ventos, v. 13, n. 1, p. 219-234, 2021b. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4735/473565472011/473565472011.pdf>. Acesso em: 20 Set. 2022.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Turismo afrocentrado: debates iniciais. in: **Novos olhares sobre Turismo, Patrimônio e Cultura**, Vol. 1. Organizadores: Roger Goulart Mello e Patrícia Gonçalves de Freitas. Capítulo 19. Editora Publicar. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346528574_Turismo_afrocentrado_debates_iniciais. Acesso em: 13 Set. 2022.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

REIS, João José. **Slave Resistance in Brazil**: Bahia, 1807-1835. Luso-Brazilian Review, v. 25, n. 1, p. 111-144, 1988.

REIS, Maria Conceição; SILVA, Joel Severino; ALMEIDA, Gabriel Swahili Sales. **Afrocentricidade e pensamento decolonial**: perspectivas epistemológicas para pesquisas sobre relações étnico-raciais. Revista Teias, v. 21, n. 62, p. 131-143, 2020.

RODRIGUES, Denise dos Santos. **Cidade em Preto e Branco**: turismo, memória e as narrativas reivindicadas da São Paulo Negra. 2021. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2021.

SAID, Edward W. Orientalismo. **O oriente como invenção do ocidente**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



SAMARRA, ANDREQUICÉ. **XIX Semana Cultural Festa de Manuelzão Live** - Manuelzão, prosa, versos e canções. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mYEBMSM7rFg>>. Acesso em: 14 de fev. 2022.

SANTANA, Ivie Nunes de. **O planejamento turístico como instrumento legítimo cultural em território quilombola**. 2008.

SANTOS, Thainá Souza. **O viajante afro-brasileiro**: enegrecendo o turismo. 83 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Turismo). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SEBRAE. **Afroturismo**. Boletim de tendências. 2020. Disponível: <https://issuu.com/soaresdias/docs/afroturismojaneiro-sebraeo_fevereiro2020>. Acesso em: 12 ago. 2021.

SEBRAE. **Turismo**: Boletim de tendência (janeiro-fevereiro/2020). Brasil. 2020. Disponível em: <[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/1282e462a5ae989b54759401c5bc503f/\\$File/31370.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/1282e462a5ae989b54759401c5bc503f/$File/31370.pdf)>. Acesso em: 06 Mai. 2022.

SEBRAE-MT. **Boletins de Tendência: Afroturismo**. 2020. Disponível em: <<https://sebraeinteligenciasetorial.com.br/produtos/boletins-de-tendencia/afroturismo/5e303996efe9541a002ef7a9>> . Acesso em: 25 jul. 2022.

SETUR. **Bahia**. In: Notícias. 2009. Disponível em: <<http://setur.ba.gov.br/noticias.asp?id=633>> Acesso em 28 abr. 2022.

SILVA, G. (2019). **Black Money**: o futuro dos afroempreendedores no Brasil. Disponível em: <<https://inteligencia.rockcontent.com/black-money/>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SOUTH AFRICAN TOURISM. **Tourism Arrivals**. Disponível em: <www.southafrica.net>. Acesso em: 14 set. 2022.

THE INTERCEPT BRASIL. **Turistas podem ser escravocratas por um dia em fazenda “sem racismo”**. 2016. Disponível em: <<https://theintercept.com/2016/12/06/turistas-podem-ser-escravocratas-por-um-dia-em-fazenda-sem-racismo/>> . Acesso em: 23 abri. 2022.

TRIPADVISOR. **Parador Playa Blanca, Barú**. 2016. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Hotel_Review-g1507145-d8528822-Reviews-Parador_Playa_Blanca_Baru-Isla_Baru_Cartagena_District_Bolivar_Department.html>. Acesso em: 16 set. 2022.

TRIPADVISOR. **Cabana Princesa del Mar, Barú**. 2018. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Hotel_Review-g1507145-d8791678-Reviews-Cabana_Princesa_del_Mar-Isla_Baru_Cartagena_District_Bolivar_Department.html>. Acesso em: 16 set. 2022.



TV Brasil. **Salvador é considerada a cidade mais negra do mundo, fora da África.** 2014. Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/cidadania/galeria/videos/2014/03/salvador-e-considerada-a-cidade-mais-negra-do-mundo-fora-da-africa>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

WARD, Evan. **Hidden in Plain Sight:** Tourism Planning, Afro-Colombian Society and Community in Barú, Colombia. *Humanities*, v. 8, n. 1, p. 22, 2019.